



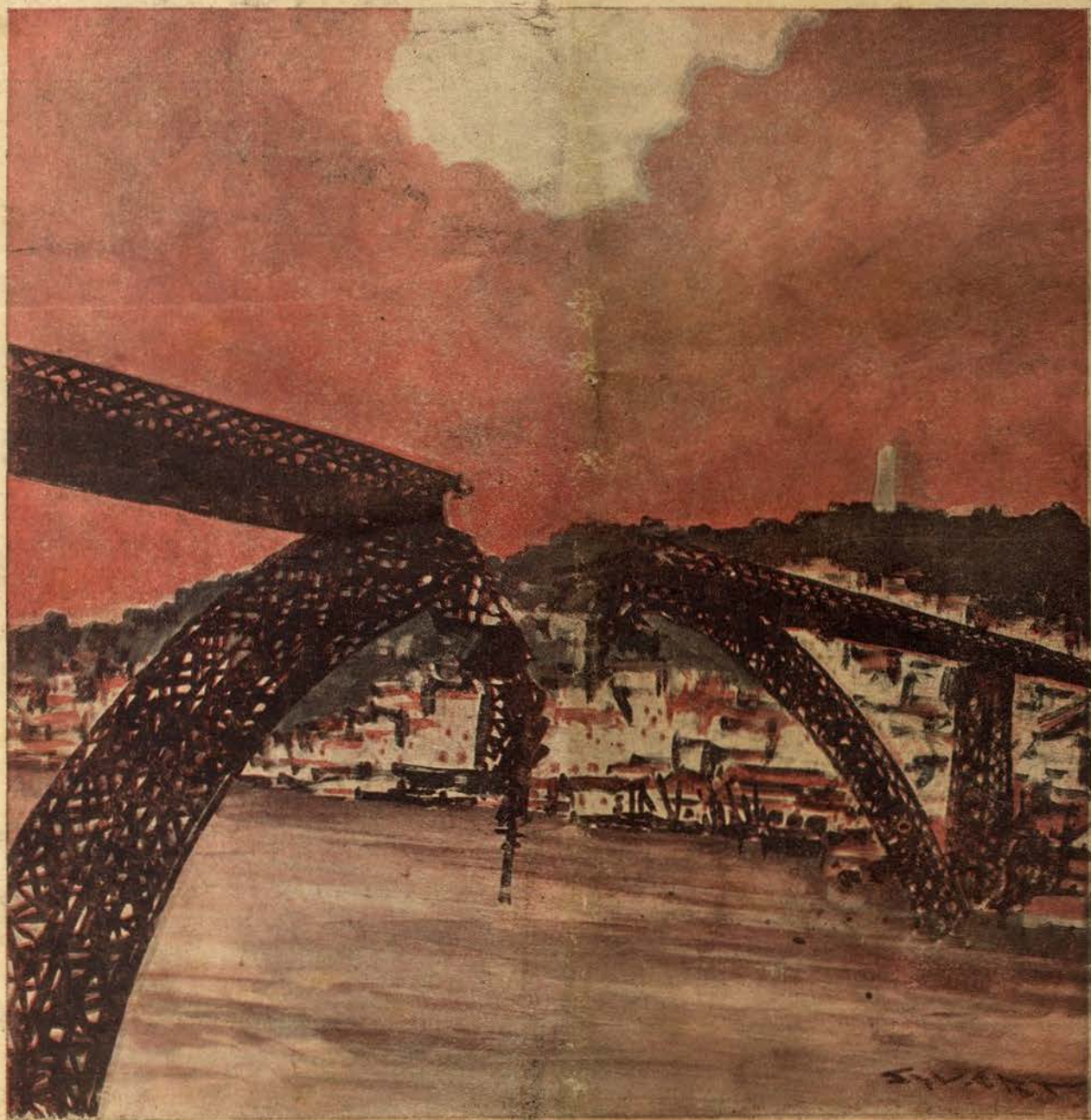
o repórter

Semanario das
grandes reportagens

ANO I

4 de Abril de 1931

Numero 35



LER NESTE NUMERO: Profecias fatidicas — T. S. F... X (Inconfidências de Coimbra) — O martírio de um Infante, etc., etc..

COMPRA
OURO, PRATA
E JOIAS,
ETC.

A COMERCIAL
18, Trav. da Trindade, 22 (ao Chitado)
Telet. 2 5082

VENDE
OURO,
JOIAS, PRA-
TAS, ETC.,
POR PREÇOS
MÓDICOS

NICOLAU FERRAZ

Espanha, França, Brasil
e America do Norte



PASSAPORTES

Agente no Norte
da **United States Lines**
TELEPHONE, 762

Rua do Loureiro, 60, 62

PORTO

ALFAIATARIA

DE

ANTONIO DIAS

Fazendas nacionais
— e estrangeiras —

Largo de S. Sebastião da Pedreira, 34
LISBOA

DOENÇAS DO ESTOMAGO

CURAM-SE COM O
ELIXIR ESTOMACAL SAIZ DE CARLOS

Comprar sómente do que tem a cinta de garantia, com a assinatura do preparador. A cinta é nas côres vermelha e amarela

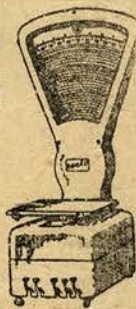
Unicos depositários para Portugal e Colonias

VICENTE PIMENTEL & QUINTANS—194, R. da Prata, 196

BALANÇAS

AUTOMATICAS

ROMÃO



PERFEITAS — RIGOROSAS
— HIGIÉNICAS — ECONÓMI-
CAS — ELEGANTES — RÁPIDAS

Em competência com as melhores marcas estrangeiras

Reparações em tôdos os modelos

ROMÃO & COMP. A

FABRICANTES DE BALANÇAS

Casa fundada em 1778

CRUZES DA SÉ, 13-29

BANCO

DE

PORTUGAL

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Capital — 13.500.000\$00

SÉDE — Rua do Comércio, 148 — LISBOA

Caixa Filial no Porto

Agências em tôdas as capitais dos distritos adminis-
trativos do Continente e Ilhas dos Açores e Madeira,
na Covilhã, Elvas, Extremoz, Figueira da Foz, Gui-
marães e Lamego e correspondências privativas
em Moura, Olhão, Portimão, Tôres Vedras e Vila
Real de Santo Antonio

Correspondentes nas principais terras do País
e nas mais importantes praças do Estrangeiro

Homens & Factos do Dia

A polémica entre o «Seculo» e as «Novidades» — ou o cavalo do inglês...

DURANTE a última semana, dois diários lisboetas — o *Seculo*, que conta no seu elenco o star do jornalismo panfletário, Adelino Mendes, e as *Novidades*, órgão dos católicos, a cujos processos de correcção e de elevação na controvérsia temos feito justiça por mais de uma vez — florearam, com arte e espírito, numa polémica social-religiosa-médica; e tanto assim que conseguiram arrancar da sonolência dogmática com que o público assiste a todas as questões que não sejam «matches» de box, e em prosa, não um bocejo mas uma involuntária fixidez de interesse e de curiosidade. O *Seculo*, aplaudindo as medidas preventivas tomadas contra o alastramento da sífilis, criando-se postos médicos de desinfeção, glosava a frase de certo médico que, discursando sobre a mesma matéria, perguntava: «Homens castos, para quê?» Queriam dizer na sua, o jornalista e o sábio, que o problema não residia na virtuosa abstinência do homem mas sim nos cuidados higiênicos preventivos, que evitassem a invasão dum a infecciosa apocalíptica, que roi há séculos as multidões. Indignou-se o órgão dos católicos, apodando de impudicos tais princípios e aquilutando-os a uma propaganda imoral, carinhosa para o vício e protectora da prostituição, impondo apenas, como remédio contra todas as consequências de um e outro mal (do da carne e da alma) as fórmulas de evitar o contágio venenoso.

Embora alguns leitores em dia com o «ex-libris» do nosso pensamento, passem — num ponto me harmonizo com a teoria das *Novidades*. A raíz do mal, o germen de todos os males sociais que giram em redor da avariose, que estragam as vidas, as consciências, os corpos, as colectividades, e ameaçam as gerações futuras pelo cordão umbilical de todos os vícios, de todas as podridões e desventuras — é a prostituição em si. A sífilis é — relativamente — uma consequência. Afirma as *Novidades* que ela é um castigo justo — uma sentença bíblica. Talvez o tivesse sido... nos tempos bíblicos. Hoje, não o é — a não ser que se teime no calunioso princípio de que Deus castiga não já à terceira geração — mas a todas as gerações que irradiarem dos homens sífilíticos e que se sucederão até ao juízo final. Se assim é — cruel juiz esse que castiga milhares de inocentes torturando-os pelo crime inicial de um avô que há trinta séculos cometeu o pecado de amar um corpo corrupto!

Sim. A base do mal é a própria prostituição. Contra ela deviam erguer-se todas as energias sãs, todas as almas piedosas, todos os sábios bem intencionados. E uma vez extinta a labareda imensa do amor venal e destruidor da saúde — mais fácil seria a obra do pronto-socorro médico contra a sífilis. Mas — e isso não dizem as *Novidades* — se a prostituição é, de facto, a essência da sífilis — ela não é um fenómeno social espontâneo mas sim consequência também de outro mal: o mal da errada e injusta mecânica que tem articulado todas as sociedades, desde as primitivas até à dos nossos dias. E' belo e razoável lançar-se sobre esse cancro da humanidade das culpas do seu próprio contágio; mas não é impondo a castidade que se destrói esse cancro e que se muralham os corpos intactos contra a segregação do seu pus.

A castidade não é apenas uma virtude dos católicos. Os pagãos, modernos e civilizados, também a aconselham, como prevenção contra a velhice precoce e como um dos melhores processos para a perfeição física do homem. Veja-se o comportamento virtuoso das juventudes desportivas... de verdade!

Garantem as *Novidades* que a ciência leva essa defesa da castidade até ao exagero de exigir abstinência quase completa... Por amor de Deus... Nem tanto mar... nem tanto em seco. Que a castidade, ou seja ou não abuso, é um bem físico, está certo! Mas que a ciência, aconselhando método, impõe o amor como uma necessidade fisiológica igual a todas as outras, não tem discussão. Bem sabemos da existência de médicos que negam o rigor desse dogma. Mas que médicos são esses e em que oportunidade pregarão eles esses princípios? Ninguém o ignora: são médicos católicos que viram um perigo para a religião na propaganda freudista e que reagem com a cegueira e os exageros de todas as reacções. Contudo se evoquei agora a castidade não foi para a defender nem para a atacar, mas simplesmente para demonstrar a inutilidade da sua citação como argumento na controvérsia actual. A castidade pouco ou nada influi na sífilis como, por muito paradoxal que isso se afigure, pouco pesa na luta contra a prostituição. Senão, vejamos: quantas redes de sífilíticos não irradiam de casamentos santificados pela igreja, pela alma virtuosa dos esposos, pela pureza integral da noiva e pela boa saúde e boa moral do noivo, cuja mocidade foi das mais castas? E contudo esse rapaz, que foi casto, contagia-se da infernal moléstia, casando-se com a mais casta das mulheres, cujo pai era sífilítico, muitas vezes ignorando-o por ter recebido em herança a moléstia e porque esta nunca se lhe manifestou exteriormente, e os filhos destes dois castos, sífilíticos serão também! E este exemplo, senhores, o exemplo da sífilis contaminada castamente pelo matrimónio, através de mil aspectos, é muito mais frequente do que se julga, sobretudo no nosso país, cujas glórias de que tanto nos ufanamos foram pagas, com juros agravados através dos séculos, por uma estatística horrível de heredo-sífilíticos, vítimas dos gloriosos avós que conquistaram os países onde essa peçonha corria, livremente, pelas veias dos indígenas... Além disso, partindo do princípio de que a castidade razoável não há-de negar ao homem o direito de amar, e não sendo o casamento uma resolução ao alcance de todos, imediatamente a seguir à puberdade; não consentindo os nossos conservadores costumes sociais, senão excepcionalmente, a escolha entre o matrimónio e a prostituição, entre a esposa e a corteza, visto que a mancebia e a amante são tão condenados pelos religiosos e pelos burgueses como a bacanal dos lupanares, que outro caminho aconselham aos jovens solteiros — senão aquele que os pode lançar no abismo da mais negra e duradoura das dores físicas?

E não havendo outro caminho — que melhor defesa para os proteger do que obrigá-los a prevenirem-se scientificamente contra o mal? Qual dos dois males é o menor: o de os deixarem chapinhar no lódo que entoxica ou de evitar que esse lódo inevitável os entoxique?

Afirmei também que mais grave do que a falta de castidade era a existência da prostituição; e que esta não só não era um fenómeno espontâneo como não dependia dessa mesma castidade. Todos os intelectuais generosos que se têm dedicado ao estudo da matéria informam que a prostituição é a consequência cívica da nossa organização social — mas precisamente da organização social que exige uma castidade exagerada e portanto pouco humana e por conseguinte provocadora da hipocrisia. As *Novidades*, aludindo a esse ponto, erguem e exibem, como se

reporter

O SEMANÁRIO DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO EM PORTUGAL

Grandes reportagens e crítica a todos os acontecimentos de sensação nacionais e estrangeiros

Sai aos sábados e é posto à venda simultaneamente em todo o país

DIRECTOR
REINALDO FERREIRA
(REPORTER X)

Administrador e Editor
PEDRO SANTOS

Chefe da Redacção
MARIO DOMINGUES

PROPRIEDADE DE REINALDO FERREIRA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE
ROSSIO, S. 3.º - TELEFONE 26442 - LISBOA
End. Teleg.: REPORTERX - LISBOA

DELEGACÃO DO PORTO - RUA DO ALMADA, 10

COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO
TIPOGRAFIA SILVAS, LTD
RUA D. PEDRO V 120 - LISBOA - TELEFONE 23121

PREÇO DAS ASSINATURAS

3 meses—série de 12 números—Esc.	11\$50
6 " " " " " " " " " " " "	22\$50
12 " " " " " " " " " " " "	44\$50

Para as Colónias e Estrangeiro acrescentam os respectivos portes
Pagamento adiantado

fosse um monstro em frasco de alcohol, a Russia caricatural das campanhas burguesas, indicando-a como modelo excitante dessa imoralidade da luta contra a sífilis protegida pelo *Seculo* e estabelecendo paralelos entre as leis do amor livre, a falta de castidade, a prostituição e a avariose... Calma, senhores! Nunca este jornal, enquanto eu o dirigir, propagandeará o amor livre tal como os fantásticos e sistemáticos caricaturistas burgueses caluniam a Leninelândia... Mas se teoricamente o amor livre é uma imoralidade e uma prostituição — praticamente, no seu reflexo social, ele é, pelo contrário, o inimigo mortal da prostituição e a couraça de aço contra os males morais-sociais e físicos dessa mesma prostituição. O amor livre racional, utópico ou não, evita o amor venal e estanca a avariose no seu alastramento pelo contágio do mais infamante dos amores. E tanto assim, senhores, que sendo a base do mal (relativamente), como já vimos, a prostituição; sendo a prostituição o maior véxame para a humanidade, ela existiu sempre, mesmo através vinte séculos de cristianismo; existiu sempre através todas as sociedades mais severas ainda do que a nossa no rigor da castidade, da moralidade e da religião. Prova-se mais que não é a falta de castidade, de moralidade ou de religião a causa do mal; e não o sendo, como negar, sem uma experiência livre, cuidada e vasta, que é no amor livre que reside a cura?

Seja como for, admitindo mesmo que as *Novidades* acertassem — é preciso vermos que não é em dois dias que se descastela essa agigantada ignominia que se chama a prostituição; o que se pode fazer rapidamente é prevenir a sociedade contra as suas consequências mais perigosas: a avariose. Neste caso, combatamos pri-

(Conclui na pag. 10)



INCONFIDÊNCIAS DE COIMBRA

... OS Pachecos, Acacios, Damasos, filhos, netos, sobrinhos dos brasileiros e outros comerciantes da fauna camiliana que Eça de Queiroz refinou, ritmando-os à música de *couplet* dos seus próprios ridículos, deixaram, há muito, a estreita galeria onde se aborreciam como símbolos vastos e solitários, para se multiplicarem, cá fóra, numa fertilidade tão exagerada em número como em nuances e variedade de tipo. Hoje em dia, os Pachecos, os Acacios, os Damasos formam um elenco de *clowns* sociais sem conta; e, embora aparentados todos eles pelo estilo caricatural que os avizinha como produtos do mesmo Stuart, o desdobraimento alastra-os e complica-os, um por um, de modo a oferecerem matéria suficiente para uma enciclopédia em que a estupidéz e a vaidade, a ignorância e a hipocrisia, o egoísmo e a prosápia, a ambição e a máscara, transbordassem no índice alfabético, de A a Z, num oito deitado de humanidades e num esbanjamento de papel impresso e ilustrado igual ao do Larousse... Quantos Pachecos, Acacios, Damasos não pululam actualmente por este mundo, negando-se uns aos outros, não já como frutos de uma árvore única — a da idiotia-parlapatona, pela palavra ou pelo silêncio, misturada com a imoralidade velhaca, mas até como fenómenos de simultaneidade psíquica ou seja os Damasos negando os Damasos, os Acacios negando os Acacios, baseados na estilização diferente com que cada um agravou — todos pioraram — os defeitos comuns. E sob este aspecto não se lhes pôde negar razão, porque de facto *multiplicaram-se*, e ao formarem-se especializaram-se numa tese diferente, enriquecendo assim a imbecilidade, a hipocrisia, a prosápia balófa e todas as aberrações criadas e por criar pela fantasia concava dos humoristas...

Alonguei-me, talvez, no preâmbulo quando afinal este rádio essencialmente objectivo dispensava todos os prólogos... Do vasto programa dos palhaços nacionais destacou-se, ultimamente, o professor L... que é um modelo perfeito dos dissidentes do grupo de Eça de Queiroz, Cérebro apenas — e mal — mecanizado pelo dinamismo da memória do que foi obrigado a aprender, incapaz de uma ideia própria e impossibilitado de tirar das alheias uma conclusão inteligente ou pelo menos nítida, envelheceu na cultura da sua própria vaidade, da pior das vaidades, da vaidade do mundanismo, das boas relações, da aristocratização, do seu nome matraqueado nos jornais, da basófia de ser íntimo de Beltrano e de Cícrano, de brilhar dentro e fóra das fronteiras, de servir de árbitro nos grandes centros científicos onde fizesse triunfar os princípios antagónicos a esses centros mas lisonjeiros aos salões frívolos... que é como quem diz...

Há anos, já caduco, o professor L. de Coimbra julgou atingir a culminância das suas papavas ambições casando com uma dama titular...

Quantos condes, marqueses e duques não iria tutear, graças a esse matrimónio? Quantos nomes ilustres, evocados como *tu cá tu lá*, não iria ele espalhar pelos cafés de Lisboa, pelo «rápido» do Porto, pelos cenáculos de Coimbra, — que ele, até certo ponto, simboliza? E mal o padre lhes lançou a bênção, ei-lo a comprar agendas, que rapidamente encheu de dogmas sociais... Das 8 da manhã até à 1 da madrugada, os seus dias ficaram sem um repouso, durante um ano... A's 11 e 10 visitar o Ex.^{mo} Sr. Fulano. A's 11 e 15, deixar um cartão em casa de Beltrano... E mesmo à meia noite e 2, a Cícrano, solteirão noctívago, não devia talvez desagradar-lhe a sua visita... Havia quem tivesse



a profecia do perigo espiritual do seu convívio, e se recusasse a recebê-lo com o pretexto... da ausência ou de qualquer afazer ou enfermidade... Mas era preciso não conhecer o professor L... Ele não desistia, nem se melindrava com as mais agressivas desculpas embora vexatoriamente enroscadas com disfarces diáfanos... Voltava lá no dia seguinte e no outro, e no outro ainda. Um dia perguntaram ao dr. Z, grande espírito que, como Tolstoi, se divorciou da sua classe, repugnado mas limpo, a razão do sacrifício de receber o professor L. O dr. Z desculpou-se com o seguinte e convincente argumento: «Que querem vocês! Esse homem ia provocar-me uma doença grave... Durante um mês, todos os dias subia ao meu terceiro andar, perguntando ao creado se eu o podia receber. Invariavelmente, o Joaquim respondia-lhe que... o sr. dr. estava muito ocupado. E invariavelmente ele, entregando-lhe uma carta, dizia: «Não faz mal... Queira comunicar-lhe que estive aqui... e que volto amanhã... Diga-lhe sobretudo que não tenho pressa nem sou de cerimónias... Se calhar um dia destes ele estar livre, terei muito prazer em falar-lhe»...

«Os seus passos, na escada, eram já para mim uma irritação... Como sentia aproximar-se a hora da sua rítmica visita, sentia febre; segregava suor; agonizava-me... Um dia, resolvi abrir-lhe a porta como quem escolhe entre dois males o menor. Sabem o que ele me queira? Informar-me que... Fulano, Beltrano, Cícrano o recebiam nos dias tal, tal e tal... E ao despedir-se, participou-me que... contasse com ele, pelo menos, uma vez por mês... para me distrair! Cheguei a pensar em emigrar, só por causa desse homem...»

A esposa do professor L., aliás uma dama bem educada, ilustrada e inteligente, e que se deixara burlar pelo *pachegismo* do marido, sofrera várias e dolorosas desilusões. Pouco de-



HONI SOIT QUI MAL Y
. PENSE.

pois propunha-lhe o divórcio. Ele não resistiu, mas ela, como boa católica, preferia a anulação do casamento. E ele, em troca de 300 contos, não hesitou em assinar o mais vergonhoso dos documentos... para um homem que tenha orgulho, em vez de vaidade... Ah! mas é que esses 300 contos foram uma fonte de água milagrosa para essa vaidade. Metódico, sabendo regatear, renderam-lhe gozos morais... só próprios do seu paladar... Internacionalizou a sua prosápia. Os jornais começaram a anunciar que o professor L. partia para Paris, para Berne, para Turim, para assistir esta e aquela reunião de sábios... Não mentia. Ia de facto assistir... sem que ninguém se tivesse lembrado do seu nome, nem convidado... Depois... era trabalho da sua especialidade. Pretex-tava cartas esquecidas, faltas de *Diários de Governo* em que era nomeado, de forma a que os *autênticos*, desconhecendo-o, o acolhiam como representante de Portugal... Belo representante, fóra de dúvida. Felizmente para ele — e para a pátria — o seu francês é... de *petit nègre*. Ele próprio confessou uma vez, em Bruxelas, se não estamos em erro, que... tinha descoberto um processo de... *afrancesar o português*, resultando que, sem sair do idioma maternal... era como se estivesse discursando na língua de Molière. Das suas viagens podia-se escrever um compêndio de calinadas, *gaffes* e aneddotas estupendas. Recordo-me agora de uma, verdadeiramente simbólica. O professor escolheu o hotel onde se hospedava a maioria dos congressistas... Logo na primeira noite — antes que os colegas internacionais o escutassem — propôs a todos reunirem-se na mesma mesa, para evitar a monotonia da solidão. Os *autênticos* estranharam a osadia mas, desconhecendo-o, aceitaram-na... por cerimónia. A meio da refeição surgiu, como por encanto, um fotógrafo (ele, entre os *hors d'œuvres*) e a sôpa levantou-se para telefonar... Tirou-se um grupo... Passados dias essa «foto» era publicada em alguns (certos, determinados...) jornais lisboetas com a seguinte legenda: «Portugal homenageado no estrangeiro. Os congressistas de... seleccionados entre os sábios de todos os países, ofereceram um banquete ao representante de Portugal, o professor L..., o que significa a mais alta distinção para o nosso compatriota, visto que foi o único a receber tal homenagem.»

Ah! Portugal! Não são só maus portugueses os que te vendem... Os que, como o professor L., pensam, na sua vaidade, que o mundo está no século passado e pretendem intrujar os outros, não são menos prejudiciais, porque te deixam... no ridículo.

Z

ESTE NUMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

O "record" da letra miúda

é batido por um amigo do "REPORTER X"

ESPALHANDO-SE por tódo o mundo, penetrando em tódos os continentes com o seu método inimitável de absorção económica, a sua *racket* de tennis, as suas meias de *foot-ball* e o seu cachimbo fumegante, os ingleses impuseram à humanidade muitos dos seus hábitos sisudos e alguns dos seus ridículos. O *record* é uma palavra que serve para definir um hábito inglês, ou melhor um vício, hoje obcecante em toda a parte. Há *records* de tudo: de patinagem, de *golf*, de aviação, de dança, de mil e uma modalidades da actividade humana.



Em Portugal criou-se, por contágio britânico, entre muitos outros, bem curiosos, o *record* da letra miúda, que é a arte de meter em letra pequeníssima deenhada à mão o maior número de palavras dentro de um bilhete postal.

Esse *record*, que estava em cinco mil quatrocentas e tal palavras de um amigo do nosso colega *Noticias Ilustrado*, foi batido por grande diferença por um amigo do *Reporter X*, o sr. Rui Neto Duarte, de Lisboa, que teve a habilidade de concentrar num postal, cujo verso e costas reproduzimos, nada mais nada menos de 5943 palavras.

É um esforço estudando que admiramos, agradecendo ao *recordman* a gentileza de nos oferecer o seu trabalho.

O sr. Rui Neto Duarte copiou para dez centímetros quadrados de cartão os seguintes artigos que os nossos leitores e assinantes podem compulсар para melhor apreciação do seu engenho: *Pérfida dama de paus*, artigo de Mario Domingues, publicado em 25 de Outubro de 1930; *Como se faz escravatura*

branca em Portugal, reportagem do Reporter Mario, da mesma data; *Reportagem as Avenidas*, do Reporter X, inserta no mesmo número, e *Como se faz escravatura branca em Portugal*, do Reporter Mario, publicada em 15 de Novembro do mesmo ano.

Ao *recordman* endereçamos as nossas felicitações e os nossos agradecimentos; aos nossos leitores dirigimos o convite de verificarem por seus próprios olhos se efectivamente o postal contém os aludidos

artigos. Mas que os leiam sem auxilio de lente...

Esta demonstração de extraordinária paciência e habilidade invulgar que, à primeira vista, parece não ter a menor importância, oferece no entanto um aspecto que merece mais atenção do que aquela que superficialmente se lhe pode atribuir.

Aquêles que descreem das faculdades excepcionais que os portugueses revelam a cada passo para os trabalhos manuais que requerem, além de uma atenção beneditina, um requintado gosto artístico, se repararem neste simples postal verificarão que se enganam redondamente.

São estas faculdades, de que o postal do nosso amigo Rui Neto Duarte dá sobejas provas, que fazem com que no estrangeiro, mais do que na sua própria pátria, os operários portugueses sejam olhados com admiração e escolhidos para os labores mais delicados e que atenção constante exigem.

O sr. Rui Neto Duarte, com o seu originalissimo postal que trouxe para as colunas do *Reporter X* um *record* interessante, deu-nos pois um prazer muito maior do que talvez pudesse supor.

IMPRENSA

«União Nacional»

O semanário republicano *União Nacional*, de Leiria, que é um dos mais interessantes jornais da provincia, publicou um número especial dedicado a Porto de Mós, cujo arranjo gráfico é de causar inveja a alguns seus colegas das grandes capitais. A colaboração literária escolhida torna a leitura da *União Nacional* agradabilissima.

O SEGREDO DA "QUINTA DA FORMIGA"

O «music-hall» do sádismo trágico — As mulheres escravas de um grupo cesa — O "Casino de Paris", foco da juventude romântica de Lisboa — A tiszaz o seu ódio — "A Ana do cão" — O incêndio da Madalena — A

trágica, uma nova reportagem mais sensacional, mais dolorosa, mais inquietante, como uma ejaculação de fumo exalando, tresandando á carne de 14 ou 15 desgraçados que a cubija de dois criminosos tinha tisonado, num auto de fé horrível, na Rua da Madalena, cortou, rápido, como a lâmina de uma guilhotina, o caso da Quinta da Formiga, atirando-o para o subterrâneo do esquecimento. Nunca mais se falou das mulheres escravas e nús, da nora-fantasma, das crueldades do «Papa-arroz», o verdugo de barrete saloio... O silêncio tumular sucedeu ao berreiro infernal; as trévas da indiferença ao holofote da curiosidade emocionada...

Isso foi em 1907... Há vinte e quatro anos! Entretanto quantos crimes, quantos mistérios, quantas emoções, quantos escândalos, quantas reportagens não desfilarão pelo tablado da vida portuguesa, pousando cada uma, durante uma época de máxima celebridade, para ser, logo a seguir, ultrapassada por outra mais sensacional? E 24 anos depois, uma noite, alguém diz ao ouvido de um dos redactores do «Reporter X»:

— Você lembra-se do caso da Quinta da Formiga? Sim? Pois bem. Tudo o que se disse na época, não correspondeu á verdade. A verdade é muito mais intrigante, muito mais novelesca, muito mais emocionante... E' um mistério que ameaça eternizar-se se não houver um jornalista que o ressuscite e que o decifre... Quere você encarregar-se dessa missão de radiografia de jornalismo retrospectivo? Eu lhe indicarei o caminho que o conduzirá á verdade...

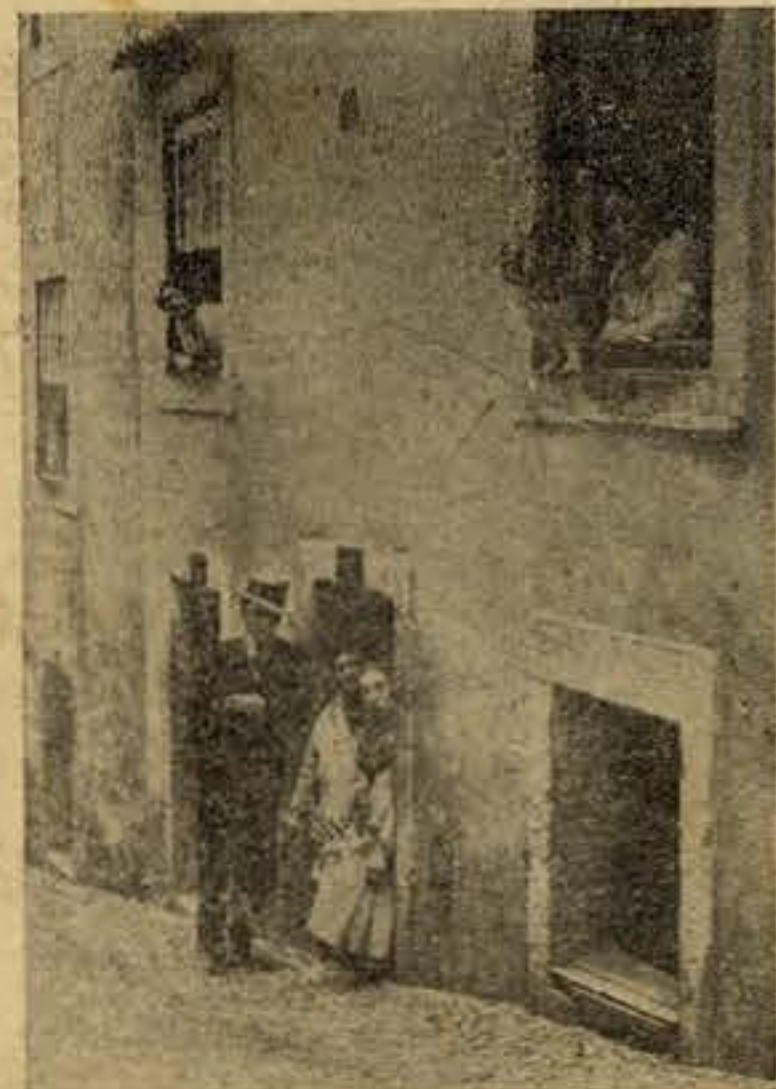
SÁTIROS OU BOÉMIOS?

Da recordação do caso da Quinta da Formiga ficou apenas a impressão de um quadro cruel, arrepiante, onde actores de «grand-guignol» colaborassem com canibais, e antropófagos Zulus com loucos de sádismo estilizado. Porque tomou tão grande vulto um facto que (vamos prová-lo) não passou duma brincadeira de boémios dêsse tempo, havendo até — pasmem! — uma nota de ternura, a amenizar o remate da tragédia? Porque, senhores, a boémia dêsse tempo estava resumida a meia dúzia de rapazes; não se generalizara como, infelizmente, hoje se generalizou, a tóda a juventude, e daí o ter tomado o nome de crime o que nos nossos dias não passaria de «paródia» um pouco violenta, mas fóra do alcance da justiça. Não queremos de forma alguma aureolar de santidade os autores dêsse «crime». Longe de nós tal ideia! Pensamos mesmo que eles fóram castigados como mereciam. O que nós interessa, o que nos interessa, é arrancar do poço clássico a verdade dos factos passados, e desfa-

zer a lenda demasiado severa que ameaça eternizar-se, pondo um rótulo falso e definitivo na lombada dêsse *affaire* famoso...

AS PRIMEIRAS QUEIXAS — DUAS VÍTIMAS

Em 10 de Agosto de 1907, os jornais noticiaram que duas mulheres de nome, Maria da Luz e Maria da Conceição, tinham ido queixar-se á polícia, declarando-se vítimas de dois indivíduos que as haviam sequestrado numa quinta, próximo de Lisboa, e acrescentando que as tinham sujeitado ás mais inquisitoriais das torturas, a suplicios verdadeiramente diabólicos. Eis como essas duas pequenas relatavam a sua vulgar odisseia: Sete dias antes, ao passarem pelo Chiado tinham sido convidadas por João Jacinto Nunes — filho do conhecido fabricante de cartas de jogar — e Penha Coutinho, escritor teatral, que ambas conheciam, para uma orgia... relativamente pacata, fóra de portas. Acederam, de bom grado, e subiram para um trem que as conduziu a um «restaurant» onde comeram e beberam a fartar. Já noite, a instâncias do João Nunes, decidiram-se a acompanhar os dois boémios a uma quinta que um deles — o Nunes — possuía em Caselas, próximo de Algés. A «pandega», iniciada em gabinete reservado, prosseguiu sob a cúpula constelada do céu, nessa noite de Agosto cáldio, correndo, abundante, um autêntico dilúvio de bom vinho. A medida que as garfadas se esvasiavam, a «pandega» quasi burguesa ia degenerando numa bacanal que seria romana se os seus componentes possuíssem o espírito de Petronio, colaborando as duas moças, com azougado entusias-



O nosso redactor á porta da casa onde móra a «Ana do cão», que se vê na janela á direita

GA" QUE ALVOROÇOU LISBOA EM 1907

de loucos? — A nora-fantasma — A vingança maquiavélica de uma francesa — Cleopatra moderna — O castigo — A vingança — Como uma mulher sa- testemunha do drama — A piedade do "bas-fond" — A verdade !!!

mo, em tódas as iniciativas dos seus companheiros.

Tudo decorreu, portanto, na melhor harmonia. Mas na manhã seguinte, tendo Penha Coutinho regressado a Lisboa, o dono da quinta, com a ajuda de um tal Alberto Carlos — conhecido pelo «sobriquet» de «Papa-arroz» —, dono de uma taberna próxima, e de um creado, Antonio Caldas, mudou de attitude, sujeitando-as então ás maiores violências e maus tratos, chicoteando-as, desnudando-as, e obrigando-as, á força de látigo, a puxarem a uma nora existente na quinta. Esse suplicio, digno de um Maquiavel sensual, durara *sete dias*, sem que as sequestradas pudessem esboçar uma fuga, visto que os carrascos lhes tinham escondido as roupas.

Nesse espaço de tempo uma delas conseguira lançar-se numa corrida até á estrada, pedindo então auxilio a um guarda fiscal, do pósto fronteiriço á quinta, que, ao vê-la em trajos... paradisíacos, supôs estar frente a uma louca, não dando crédito ás suas aflitivas queixas. A única pessoa que tentara salvá-las tinha sido um carteiro de nome Antonio Camilo da Silva, que em recompensa do seu gesto sofrera igualmente maus tratos e violências infamantes... Só ao cabo de uma semana é que as duas «escravas» da Quinta da Formiga reconquistaram os seus vestuários, graças á piedade de uma mulher, creada da quinta, fugindo então para Lisboa, indo queixarem-se á polícia.

MAIS VÍTIMAS — O CARTEIRO ROMANTICO — ONDE SURGE UMA CÉLEBRE ARTISTA FRANCESA

Tudo quanto escrevemos acima consta da pri-



«Ana do cão», com a criança que recolheu em sua casa

meira reportagem dos jornais. Mas nos dias seguintes as queixas começaram a chover de tódos os lados; novas vítimas surgiam, tornando públicos os suplicios a que tinham sido submetidas pelo João Nunes, o «Calígula moderno», como começaram a chamá-lo; revelando-se então que a citada «Quinta da Formiga» não passava de um antro como os inventados pelos folhetinistas, um antro que o seu proprietário escolhera para cenário das suas devassidões e sádismos. As vítimas que apareciam a diário narravam scenas escabrosas, de brutalidade e de morbidez: mulheres nús atreladas á nora; um tribunal que se reúnia num palheiro, presidido pelo «Papa-arroz», e onde as vítimas eram condenadas a penas extravagantes e cruéis, como por exemplo a mergulhos num tanque cheio de água, servindo elas de alvo aos algozes que lhe atiravam com fruta, magoando-lhes as carnes nús, nos intervalos de suplicios de látigo e exercícios de pauladas brutais. Os jornais dilatavam a emoção do público dando menores sobre o carteiro que tentara libertar as duas raparigas e que era apresentado como um herói e um mártir — mártir porque lhe tinham rasgado um fatinho novo e porque os algozes tinham exercido sobre ele violências repugnantes e inenarráveis... A lista dos nomes das vítimas aumentava tódos os dias. Além das duas queixosas, reveladoras da seita, surgiram os nomes de Capitolina de Oliveira e Maria Angelina, duas cortezãs residentes em casa de uma tal «Ana do cão»; Maria Joana, Delfina Guimarães, etc., etc.. E como remate estridente, para que ao romance emocionante não faltasse uma nota cosmopolita e estilizada, surge uma artista francesa de «music-hall», Tinrma de Gaville, uma parisiense de capa de «Le Sourire», uma «vamp» de princípio do século que brilhara no «Casino de Paris» — que então existia em Lisboa, na Avenida da Liberdade — e que alvoroçara os corações românticos de tódos os Tenórios alfacinhos. A francesa escrevera de Madrid á nossa polícia, declarando se também vítima de João Nunes e descrevendo os suplicios a que elle e os seus algozes a tinham sujeitado e afirmando que as torturas que as outras tinham sofrido na Quinta da Formiga eram picadas de mosquitos comparadas com os martírios tremendos que ela padecera.

A opinião pública alarma-se então e começam as fantasias a urdir as hipóteses. Fala-se em cadáveres enterrados na quinta (que os bombeiros procuram afanosamente) e citam-se as mais horripilantes barbaridades, cometidas pelo João Nunes. Que tinha arrancado os olhos a um cão; que enterrava, vivos, vários animais... A polícia resolve prender tódos os culpados. São oito os presos: João Jacinto Nunes, Penha Coutinho, «Papa-arroz», Antonio Caldas, Joaquim Luis, (o «Sapateirinho de Pedrouços»), dois cocheiros e outros de somenos importância. As investigações baralham-se. Os cúmplices confessam apenas que de facto se passavam, por vezes, na Quinta scenas de orgia banal, com mulheres da vida alegre, mas sem violências, e com a concordância destas. No entanto a campanha não afrouxa, e é tão grande o interesse do público pelo assunto que os jornais anunciam «que no elegante Salão S. Carlos, na Rua Paiva de Andrade, são exhibidos, nos intervalos do espectá-

culo, as fotografias dos «heróis» da «tragédia» da Quinta da Formiga.»

A piedade pública pelas vítimas manifesta-se até ao extremo de se abrir uma subscrição a favor do carteiro «mártir», que está tuberculoso e precisa ir tratar-se para as Caldas. E o povo corre a oferecer a sua esmola, compra-se um fatinho novo ao desgraçado, e arranja-se a passagem para as Caldas. Entretanto há queixosas que desistem, a trôco de 30 escudos, mas que voltam novamente a depôr contra os acusados. Os interrogatórios sucedem-se, mas não há maneira de se apurar a verdade. João Nunes nega as violências de que é acusado, desculpando-se das scenas de deboche com o efeito do alcool. O escritor Penha Coutinho e os outros negam também os crimes com que os querem fulminar. Vão os presos para juizo, onde são afiançados em 105 contos, uma quantia fabulosa para aquêle tempo; 25 contos a João Nunes e 10 a cada um dos restantes. Súbito, avermelha-se a opinião pública com o clarão do incêndio da



Ouvindo a actual proprietária da Quinta dos Camarates, em Caselas

Madalena, desinteressando-se por momentos do caso da Quinta da Formiga...

EM CASA DA «ANA DO CÃO» — UM PARENTESIS DE TERNURA

Aquêle nosso amigo que nos evocou o velho e esquecido escândalo da Quinta da Formiga estaca frente a uma porta da Rua do Arco da Graça e diz-nos:

— Mora aqui a mulher que sabe a verdade sobre esse célebre caso... Agora age como entenderes...

Essa informação não podia deixar-nos indiferentes. Tomámos nota do número: — 11; e dois dias depois lá fomos, sófregos de curiosidade. Chama-se ou antes chamam a essa mulher «Ana do cão» e o destino quis que ela chefiasse um negócio que está no «index» da moral. E agora um parentesis, para um pormenor que a nossa sensibilidade não pode esconder. Ao procurarmos essa mulher, fomos encontrá-la embalando uma criança recém-nascida. Essa criança foi abandonada pela mãe, e encontraram-na na Estrada da Amadora. O caso é recente ainda, arrancado aos «faits-divers» dos diários. A mãe foi depois presa e da prisão transitou para o hospital, onde se encontra. Pois bem, senhores,

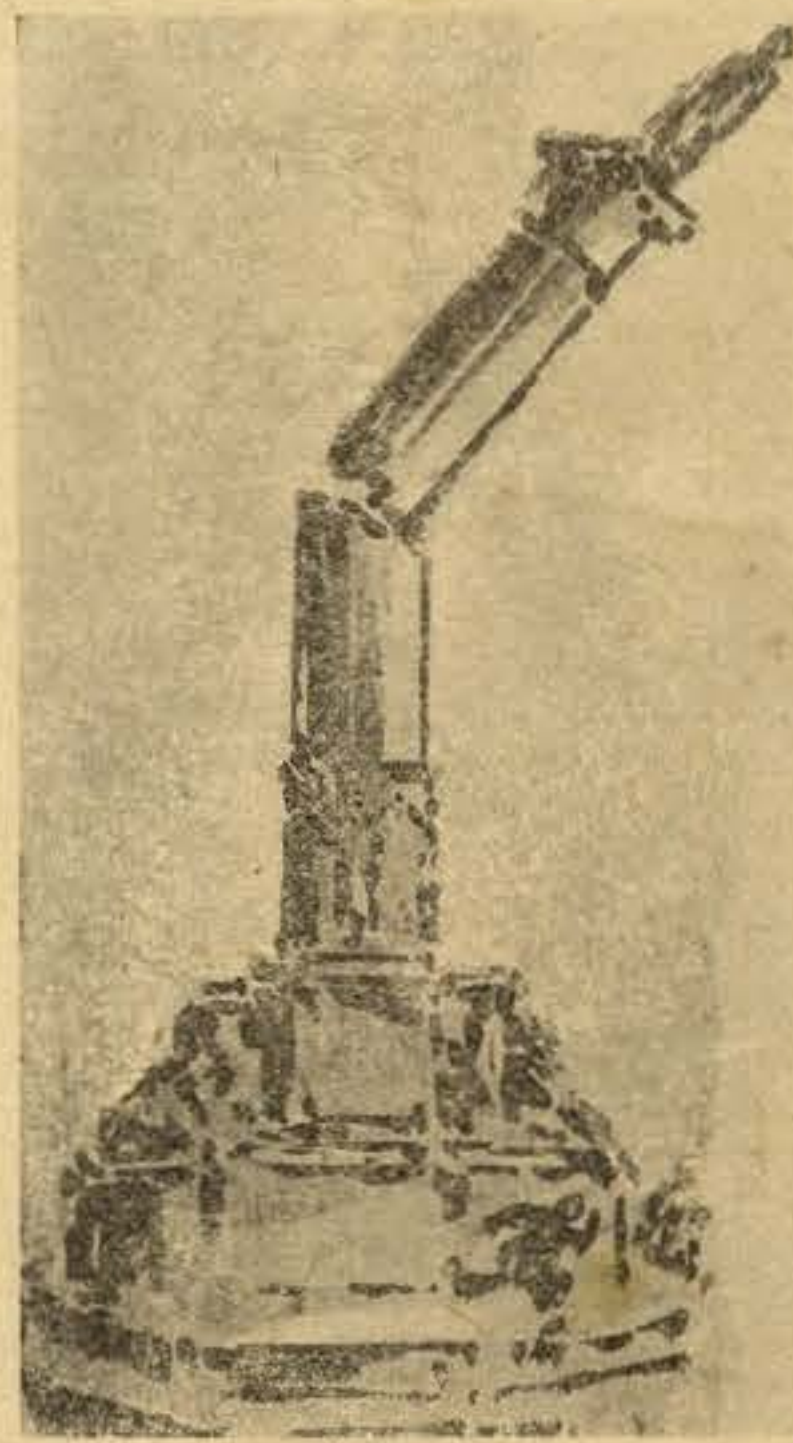
(Conclui na pag 10)

Profecias fatídicas de um árabe

movimento do renovação literária dos últimos vinte anos, servido por um admirável espírito crítico e voluntariamente enclausurado num círculo de ferrea modestia que lhe ordena o abandono de todos os proveitos que a sua inteligência legitimamente podia conquistar, goza, ali no café tristonho, a volúpia do isolamento. E quando, de raro em raro, um amigo o procura naquela espécie de cenáculo, onde ele sobrevive, um alvoroço de alegria logo se desenha no seu rosto magro e, para se vingar dos largos silêncios de anos, conversa, discorre, inventa, recita poemas inéditos, conta novelas estranhas que a sua imaginação constroi e que um pouco de preguiça intelectual o inibe de escrever.

A EVOCAÇÃO DE UM MISTERIOSO PROFETA

Fernando Pessoa preocupa-se demasiado com os problemas do Além. O



ocultismo, o espiritismo, a transcendente teosofia, o labirinto complicado da astrologia, a leitura do destino de cada um através do horoscopo, são para ele coisas familiares. No entanto, só em ocasiões de excepcional boa disposição ele comete a imprudência de sobre elas dissertar

Abd-el-Ram, conselheiro de Abd-el-Krim, o homem que previu o terramoto de Messina, faz previsões sobre o mundo, em geral, e sobre o nosso país, em especial — O futuro grande terramoto de Lisboa — O Tejo modificará o seu curso — Um grande vulcão em Sintra — A queda da ponte de D. Luís — Desgraça sobre desgraça — Um dilúvio universal de fogo

com extraordinário brilho de palavra durante horas e horas.

Uma tarde destas — tarde sombria e chuvosa de despedida de inverno — fui encontrá-lo a um recanto do velho Martinho em entusiástica discussão com um sujeito louro, grave, de lunetas fumadas, sujeito esse que ele me apresentou em palavras simples:

— Monsieur Ernest Hermann.

Feita esta breve apresentação, talvez para não perderem o fio da conversa, retomaram a atitude em que os fôra encontrar, isto é, o estrangeiro, falando, e Fernando Pessoa, escutando com enorme atenção. Para não interromper, sentei-me e escutei também.

— Era um homem extraordinário aquele Abd-el-Ram — dizia o estrangeiro, continuando o seu relato em francês para o meu amigo Fernando Pessoa. — Conheci-o por ocasião da minha última visita a Casablanca, no período mais aceso da guerra entre a Espanha e os rifeños. Esse homem, que era íntimo de Abd-el-Krim, aliava a uma grande cultura árabe um extraordinário conhecimento da mais moderna civilização europeia. O grande chefe rifeño escutava-o como se ele fosse um verdadeiro oráculo. Dizia-se em Casablanca que esse arabe de olhar metálico e penetrante previra com uma certeza quasi matemática todos os triunfos e, por fim, a derrota de Abd-el-Krim. As últimas resoluções de este foram tomadas na ausência de Abd-el-Ram. Se o profeta estivesse a seu lado teria evitado que a França se envolvesse no conflito e lhe preparasse a derrota.

«Abd-el-Ram, apesar de vigoroso ainda, deve contar mais de oitenta anos. Ele previu, numa visão quasi telepática, o terramoto de Messina, em Italia. Lembro-me de que um jornal italiano, após a grande catástrofe, publicou o seu retrato, acompanhado das suas profecias que datavam de alguns anos antes da desgraça. Nessa mesma reportagem o jornal italiano referiu-se a outras calamidades que haviam de atingir outros países e recordo-me ainda de que um dos de que ele mais se ocupou era precisamente Portugal.»

Os óculos de Fernando Pessoa tiveram scintilações de curiosidade e eu, que estivera escutando a palestra do estrangeiro num interesse sempre crescente, não pude reprimir a tempo um gesto de impaciência. Dir-se-ia que Ernest Hermann tinha qualquer coisa de fatídico na sua expressão e que, por um esquisito milagre de sobreposição, o seu rosto claro, os seus cabelos loiros e as suas lunetas fumadas, tinham sido repentinamente substituídas pelos rosto do árabe que ele evocava: bronzeado, narinas frementes, olhar duro que penetrasse no fundo das coisas misteriosas como o bisturi dum médico nas carnes de um doente. A voz de Ernest Hermann tornou-se cava, profunda, e as suas palavras, mais espaçadas e lentas, pareciam ditadas por um sonâmbulo.

— Abd-el-Ram — continuou o alemão — evocava nessa reportagem o terramoto que em 1755 atingira a cidade de Lisboa. E dizia: «Visão para a grande capital portuguesa uma nova desgraça semelhante àquela que a feriu no tempo do Marquês de Pombal, dentro de um período de nove anos e mais nove vezes nove. Nessa época, felizmente, ainda afastada, Lisboa derruirá de novo; as suas sete colinas ficarão reduzidas a quatro, porque três delas, agitadas por um vendaval subterrâneo, perder-se-ão no Tejo, cujo curso mudará, tomando uma forma mais sinuosa e obrigando uma grande lingua de água a irromper sobre a cidade baixa. Mais para a foz, outra lingua de água galgará sobre a margem esquerda do rio, vindo a juntar-se ás águas do mar a duas leguas ao sul da sua barra actual». — Ora, esta profecia foi feita no ano de 1900 e, pelas contas de Abd-el-Ram — nove anos e mais nove vezes nove —, virá a ter a sua realização em 1909.

— Podemos dormir descansados — disse eu, descerrando pela primeira vez os lábios depois que chegara ao café.

O alemão sorriu. Fernando Pessoa conservou um ar sério e enigmático que ele por vezes costuma ter quando se fala de coisas tétricas. Aproveitámos aquela pausa para mandarmos servir os clássicos

café. Mal sorveramos os primeiros goles logo o alemão se lançou na maré alta das previsões fatídicas do tal árabe misterioso.

O DESTINO DA PONTE DE D. LUÍS

— Mas porque motivo — perguntei eu — esse arabe se interessa tanto por coisas de Portugal?

— Porque — ilucidou Ernest — alguns dos seus antepassados foram senhores de uma parte do Algarve em séculos idos, e ainda seu pai e seu avô mantiveram íntimas relações com aquela provincia portuguesa, visitando-a por várias vezes. Ele próprio esteve em Portugal por diversas ocasiões e conhece a vossa história como talvez poucos portugueses a conheçam. Não foi essa apenas a profecia fatídica que ele fez acerca de Portugal. Recordo-me perfeitamente do que ele disse, por exemplo, acerca da ponte de D. Luís, na ci-



tudo o que nela se encontre nesse momento. Só a providência de homens atilados, servindo-se dos recursos da sabedoria que o Alto Destino colocará ao seu alcance, poderá evitar tão grande desgraça. Acredito mais na cegueira infalível da Fatalidade do que na prudência dos homens.»

— E' estupenda essa profecia! — exclamou Fernando Pessoa.

— Repare você — disse o alemão — que tanto esta profecia como a do terramoto estão em harmonia perfeita com as mais modernas investigações científicas. A ponte, que foi construída sob a direcção do célebre engenheiro francês Eiffel, tem uma garantia de duração que não vai além de muitos anos, a não ser que se revista todo aquele arcaboço metálico de cimento armado e se lhe façam algumas pequenas reparações que lhe permitirão sustentar-se de pé durante tempos infinitos. Quanto ao terramoto, como você sabe, é tudo quanto há de mais provável, porque Lisboa fica muito próximo de uma grande fenda descoberta pelos sábios, que percorre a terra em linha sinuosa, abrangendo parte do Atlântico, das Republicas Sul-Americanas, galgando através do Pacifico até ao Japão e regressando pelo Oriente através da China, parte da Russia e dos Balkans, até à Italia.

«Outra calamidade a que Abd-el-Ram fez referência há de suceder também bem perto de nós. Diz ele na sua linguagem típica de profeta: «A cinco léguas da velha Olisipo (Lisboa ou cidade de Ulisses) um novo Vesúvio surgirá, dez períodos de nove anos após esta profecia ser lançada aos quatro ventos do Destino. No alto de Sintra o fogo que irromperá das entranhas da terra atingirá grande altura, servindo de atalaia à navegação mais longínqua dos mares que hoje cobrem a lendária Atlantida.»

— Dez períodos de nove anos sobre a época da profecia — disse Fernando Pes-



so: «Sete períodos de nove anos não-de passar sobre esta profecia, na cidade do Porto grande desgraça cairá, despenhando do alto para o fundo do Douro a sua ponte mais importante com

(Conclui na pag. 14)

1808

peça de grande espectáculo, emoção, imprevisto, deslumbramento

O segredo da "Quinta da Formiga"

(Continuação da pag. 7)

Está tomando fôros de notável acontecimento a notícia dada em um dos últimos números deste jornal sobre a peça de grande espectáculo 1808 que Reinaldo Ferreira e Mario Domingues escreveram destinada a uma das nossas melhores companhias de declamação.

Compreendemos perfeitamente o interesse do público, porque o motivo da obra é dos que mais poderão apaixonar a alma vibrátil do nosso povo.

Junot e a sua corte desengonçada, ridícula, passam nos quatro actos intensos desta peça, mesclados de vibração emotiva, de panache decorativo em que a justeza do diálogo e a seqüência lógica dos episódios, a par do romance de amor admiravelmente arrancado à história dessa invasão, com o sabôr irconfundível das coisas que ficam e triunfam através de todos os sorrisos e através de todas as modas. E' que o teatro tem que ser vida posta em arte — mas tem que ser vida.

Isto de levar para o tablado locubrações intellectuais que amarelecem o rosto e cansam os nervos mais resistentes — é pretensão que não chega a ser futuro, sonho errado de aventura mal construída — ou ilusão tão duradoira como as nuvens doiradas nas paisagens. E a experiência tem sido feita.

Não. Peguem na vida sem luvas, sem instrumentos complicados de laboratório e verão se o teatro tomba na misérrima decadência em que o puseram.

O teatro tem que ser vida — movimentada, sem sonho, aquela parte do sonho que tem que tem ficar no vago indispensável à própria vida. Na peça de Reinaldo Ferreira e Mario Domingues há justamente a noção e o equilíbrio que uma peça de teatro tem que possuir para ser uma peça de teatro. Tudo o mais é literatura.

Y

Homens & Factos do Dia

(Continuação da pag. 3)

meio a sífilis, que é o mais urgente — porque de contrário, limitando a batalha ao campo moral e á castidade, quando daqui a séculos alcançássemos a vitória, teríamos de facto uma humanidade casta, moral e virtuosa, mas essa humanidade estaria reduzida a poucos seres e esses seriam agoniantes exemplares de degenerados físicos, segregando pús e constelados de chagas... Era caso para se repetir a história do cavalo que o inglês queria ensinar a não comer: quando a humanidade estivesse apta á castidade integral, os seus reabilitadores seriam obrigados a dizer: «Que pena! Agora que já estava moralizada — é que se lembra de morrer!».

REPORTER X

em Lisboa, onde há várias casas de assistência, só houve uma casa que albergasse esse inocentinho, a casa da «Ana do cão», onde há demasias de carinho para a abandonada, e onde ainda as pupilas da «Ana do cão» se cotizam diariamente para levar ao hospital o necessário para que nada falte á mãe.

Está fechado o parentesis, sem mais comentários, e voltemos de novo ao «nosso» assunto. «Ana do cão» foi testemunha de uma scena — da única scena diabólica — desenrolada na Quinta da Formiga. Contou-nos o que viu e a razão do que viu, e que adiante repetiremos. Contudo devemos declarar que não foi só sobre essa testemunha que apoiámos a nossa reportagem. Outras informações recolhemos e entre elas a da actual proprietária da famosa Quinta. Todas confirmam absolutamente o que «Ana do cão» nos declarou, permitindo-nos assim revelar, 24 anos depois, a verdade oculta e maquiavélica deste sombrio drama, mais aflitivo do que as aparências afirmam...

A VERDADE SOBRE A FRANCESA «VAMP» — A VINGANÇA DE UMA MULHER

João Jacinto Nunes e Penha Coutinho constituam, com um reduzido número de amigos, a boémia daquele tempo. O grupo entregava-se a orgias banais, escandalizando a pacata Lisboa dessa época. Um dos rapazes componentes desse grupo, e cujo nome não interessa, apaixonou-se românticamente pela artista francesa de quem já falámos, Tinrma de Gaville, que estava brilhando no palco e fóra do palco do «Casino de Paris», e que simbolizava a primeira mulher «vamp» que os portuguezinhos valentes conheceram...

Por essa mulher o jovem em questão fez todas as loucuras, queimando ao sabôr dos seus caprichos de cortezá o que tinha e o que não tinha. Foi obrigado a tomar compromissos que depois não pôde solver. Como mantivera sempre os princípios de honra, queria defender o seu nome sem mácula. Desesperado e vendo — já tarde — a inutilidade de todos os sacrificios que fizera por aquela mulher, que se lhe negava á ele mas que se entregava a outros homens, tomou a resolução trágica de se suicidar. Nessa mesma noite, no Casino, Tinrma de Gaville gabava-se, entre risadas cínicas, de ter sido a causa desse suicidio, troçando do infeliz moço e de todos os portuguezes, que tão facilmente se arruinavam pela sua sedução vampiresca. No grupo dos amigos do suicida começou nascendo a repulsa e o ódio por aquela mulher perversa que se ria da paixão sincera e da própria tragédia que a sua cubija tinha originado, e combinaram então vingar o infeliz louco. Disfarçando os seus intuitos, convidaram-na para uma ceia fóra de portas... Ela acedeu de bom grado, antevendo talvez um lucro compensador. João Nunes levou-a depois á sua quinta, onde estavam já os outros amigos com as respectivas companheiras, no número das quais se encontrava a «Ana do cão».

Só ali é que a francesa viu modificarem-se os seus planos... Acolheram-na entre coros de insultos; dos insultos passaram ás violências, andando a orgulhosá francesa de mão em mão, bem fustigada, ao mesmo tempo que lhe lançavam em rosto a ignomínia e a malvez do seu procedimento. Foi então que, de facto, se praticaram as scenas dum barbarismo satânico, em que o ódio contra a «vamp» era excitado pelos vapores do alcohol. Amarraram-na á nora e obrigaram-na a tirar água, e depois, quando já se sentiam vingados da injúria feita ao infeliz amigo, abandonaram-na na estrada, quasi nua e com o corpo vergastado e bem moído de pancada. A francesa não se queixou nessa altura á policia. O seu ódio, aguçado pelo

MISTERIO QUE SE DESVENDA

MARGARIDA Fontes é uma mulher singularmente elegante. Pouco mais de trinta anos ela conta e dir-se-ia que tem apenas dezoito. Alta, sinuosa, mãos longas como pétalas de lírios, uns olhos enviados e brilhantes, e na palidez desconcertante do seu rosto a mancha vermelha da sua boca faz lembrar uma letra gótica na página sagrada de um missal. O talhe moderníssimo dos vestidos, a originalidade das suas capelines, dos seus cloches, e a fantasia dos seus adornos — eram a preocupação constante das suas várias amigas. — Aonde vai ela desencantar coisas tão interessantes! — murmuravam enlevadas. Contudo, o que mais preocupava essa roda feminina era o gôsto senhoril, desconcertante, harmonioso, das carteiras que ela usava com o monograma tôdo em oiro discretamente posto em canto...

De que país maravilhosos viriam as carteiras admiráveis que Margarida usava com tamanha gentileza? Da Russia — misteriosa e imensa? Da Italia, de Berlim, ou de Paris? Margarida não explicava, sorria orgulhosamente, e mudava de conversa sempre que procuravam indagar de onde provinham essas pequenas maravilhas tão artisticamente confeccionadas. Porém, como tudo nesta vida se descobre — veio a saber-se que era na Casa das Malas, — Rua da Prata, 110 e 112, que ela adquiria as suas lindas carteiras.

E quantas coisas mais, igualmente encantadoras, essa casa pode vender a preços accessíveis á bolsa menos aquecida!

— Artigos de viagem, num sortido surpreendente; molas de tôdo o formato e resistentes como bronze; sacos para senhora, dos mais recentes modelos; pastas para homem — carteiras em peles excepcionallissimas. E como há coisas que só se acreditam á vista, aconselhamos o público a visitar esta casa.

seu orgulho de mulher adulada, requintou-se, estilizou-se, obrigando-a a adoptar processos maquiavélicos, mas subtils, de vingança.

Usando da sua sedução, conquistou um amante rico que facilmente caiu na ratoeira armada pela francesa. E' que o plano de vingança que ela germinara, exigia gastos enormes — e portanto necessitava de capital... O involuntário e inconsciente capitalista desse folhetim foi o sr. José Dias Gonçalves, actualmente no Brasil — a última vítima portuguesa da cruel «vamp»... Quando compreendeu que o amante não lhe negaria o dinheiro orçamentado para a vingança, começou, pouco a pouco, contratando raparigas de vida alegre, pagando-lhes por alto preço a sua calínia e ensinando-lhes o papel que deviam representar — o papel de vítimas de sádismos criminosos a que as sujeitara João Nunes e os seus amigos inseparáveis. Tôda essa violenta campanha, tôdo esse «film» apavorante, tôdas as tragédias e supplicios inquisitoriais, tôdas as vítimas e mártires do elenco dessa famosa Quinta da Formiga, não passaram de um plano inventado pela artista francesa, provocado pelo seu ódio, *mise-en-scene* pela sua sede de vingança, financiada inconscientemente pelo seu amante... E eis como uma mulher pôde, da sombra, urdir um escândalo ruidoso e sensacional...

Mais um detalhe — para rematar. Nenhuma das scenas evocadas se desenrolou na Quinta da Formiga mas sim numa quintarola vizinha. A Quinta da Formiga era da propriedade de um tio de João Nunes, o sr. Abel Nunes, a quem os cúmplices da francesa tentaram envolver também no processo. Hoje pertence a uns criados de João Nunes. Fica portanto exposta a verdade, que viveu oculta durante 24 anos, a verdade de um dos célebres processos do século, o do crime da Quinta da Formiga, que nem foi crime nem se passou... na Quinta da Formiga...

IDILIO FERREIRA

Os "ardinas" ... por dentro e através do mundo

A alma dos vendedores de jornais — Os «ardinas» madrilenos — O hino dos pregões
— A anedota do «Zampa» e de Afonso XIII — «Te ás colao» — Os «ardinas» de
Paris — «La Rose illustrée» — O tanque do «Metro» — Os «ardinas»
de Berlim e de Londres — O negócio — Ditos e factos

O leitor, que de manhã, ainda na fofidão do leite, estabelece um contacto emocionante com tódo o mundo através da gazeta que lhe trouxeram na bandeja do pequeno almôço, e que, à tarde, ao sair do trabalho, escuta esse berreiro alacre, vivo e alegre dos pre-



gões dos jornais que o obriga, mecânicamente, a desembolsar umas moedas e a comprar o diário vespertino que lhe dará, depois, em casa, uma meia hora de leitura útil e variada do film sintético do mundo, simpatiza, sim, com esse garoto descuidado, suado, azougado, risonho, que trepou até ao seu lar e que percorre a cidade numa maratona inglória, quotidiana, esfalfante, mas só por excepção terá fixado o seu pensamento na existência oculta do «ardina» e nem ao de leve visiona a importância social e o heroísmo do seu esforço. Sendo o jornalismo, que o é indiscutivelmente, não só o 4.º poder do Estado, como lhe chamou Erbert, mas o mais benéfico, rápido e vasto unificador da humanidade, o jornalismo nunca teria alcançado a sua força, a sua expansão, sem esse átomo da imprensa que é o seu vendedor ambulante. A imprensa deve-lhe meia vida, a humanidade não sabe o que lhe deve...

A parte a sua importância social, ele possui, ao mais precioso grau, um pitoresco digno de estudo. Os países, as cidades, simbolizam-se através os seus «ardinas». Eles são como que o «ex-libris», os embaixadores do povo, mas representando governos, sábios, artistas, junto desse mesmo povo. Há muito que eles merecem uma reportagem. O *Reporter X* não lha regateia. Ela...

Começemos por Madrid... Em 1924, o diário madrileno *La Tribuna* contara-os. Eram 5.000 os vendedores de «periódicos» na capital espanhola. De tódos os vendedores ambulantes são eles os mais «castizos». Cuidam-se. Usam bibes e a barateza da alpargata poupa-os de andarem com os pés nus. Desses 5.000, mais de metade não passavam de 15 anos, e mais de 1.500 ficavam nos oito anos... A percentagem de mulheres, na venda de jornais, era de 30 por cento.

Segundo essa mesma reportagem de *La Tribuna*, Madrid, que nessa época tinha 800.000 habitantes, 40 diários, 30 publicações não diárias e 42 novelas semanais, vendia, por intermédio dos seus «ardinas», uma média de meio milhão de exemplares dessas publicações, por dia. E rematava a sua crónica dizendo: «Para tudo nesta vida é preciso sorte. Sendo o luero global dos 15.000 vendedores de jornais madrilenos de mais de 12.000 pesetas por dia, alguns existem que fazem 10 e 20 duros, e mais, e outros apenas uma peseta».

Os pregões dos «ardinas», orquestrando-se numa música alacre, ruídos, enérgica, constituem como os hinos populares das cidades... Ficam-nos nos ouvidos, e ao recordarmos esta ou aquela terra que visitámos, o primeiro que nos acode é precisamente o grito rítmico dos pegoiros de jornais... Eles é que rectificam as «en-tête» das gazetas e as impõem, através do seu pregão, ao público. A *Capital*! Nunca houve forma de os obrigar a pronunciar o *i* da *Capital*, e nós próprios acabámos por pedir a *Capital* também... Cá está o *Secul* ó *Nôcias* A' noite: *Oih' ó diário...* Ao sábado, ó *Reportel!!!* Em Madrid, de manhã, o berro que enche a Puerta del Sol: *Abicé de hoy, Libertad, El Debat*, e á tarde: *La Corrés! La Corrés!* (*La Correspondencia de España*). E á noite: *La Vól! La Vól!* (*Noz*). *El Heraldihoy!*

Tódos eles têm as suas anedotas. A mais característica das de Madrid é heroificada pelo «Zampa», um golfito de 10 anos que vendia jornais



no Café Colonial. Uma tarde de alegre resolução política, El-Rei necessitou falar com um jornalista, infalível no *Colonial*. Não hesitou. Ele próprio foi ao telefone. Foi «Zampa» ao aparelho. «Daqui fala El-Rei!». «Zampa» não acreditou e fez repetir a frase três vezes. A terceira

soltou uma risada e concluiu: «Eres El-Rey? Te ás colao!...» — que é o mesmo que: «Que te crês tu eso...» Riu-se o monarca e ordenou a um secretário que fosse buscar «Zampa». Quando «Zampa» entrou no Palácio do Oriente e se defrontou com o soberano, arregalou os olhos, fez-se de mil côres e deu mil voltas à gorra vasca que os



seus dedos nervosos seguravam. «Gostei de ti! — confesso Afonso XIII. — E a prova de que não me zango é esta...» E tirando uma nota de cem pesetas do bolso das calças estendeu-a. «Zampa» respirou fundo e apressou o gesto de a recolher, mas, mal tocara no dinheiro, a outra mão do soberano deu-lhe uma palmada, e guardando a nota, repetiu: «Te ás colao tu tambien, tanto!»

«Paris-Midi»... «L'Intran»... «Liberté, la troisième»... Paris! A medida que a cidade se civiliza, o vendedor civiliza-se também. Mas em Paris o vendedor só vive nos «boulevards». Garotos, poucos. Homens e mulheres. Sobretudo mulheres. Mas mulheres de chapéu. E velhas, muitas velhas. Entre os «ardinas» parisienses do sexo fraco existe uma célebre: «La Rose illustrée». «Rose», porque é Rosa, «illustrée», porque, numa edição famosa de postais de Paris, ela figura, populariza-se, tornou-se mundialmente célebre, simbolizando a sua classe. A edição é de 1900 e ela então tinha 15 anos e era fresca e bela. Hoje tem 46... Mas é tão grande o orgulho do seu «postal», que se veste e se penteia (possui uma cabeleira imensa) como na época em que a fotografaram. Estaciona à esquina do Bd. e da Rua Montmartre. Um jornalista francês, que a conhece há muitos anos, disse-me uma vez que o seu negócio é dos mais rendosos da grande capital. Há dias de vender 3 e 4.000 gazetas. A 5 centimos que ganhe em cada uma, faça-se a conta. Tem filhos a estudar e uma *ferme* nos arredores. Teima em exhibir-se, não por necessidade, mas por respeito pela sua glória. Quando a fitam muito, tira do saco de mão, com um ar indiferente, o velho postal, remira-se nêle como num espelho — de forma ao cliente o vê — e torna-o a guardar, sorridente e feliz...

(Conclui na pag. 14)

O martírio de um Infante

Um caso trágico da família dos Braganças—D. Duarte, irmão de D. João IV, preso à ordem de Castela—Os horrores do cárcere de Milão—A ingratitude dos Braganças

FOLHEANDO, á procura do inédito, papeis velhos, manuscritos amarelados pela acção do tempo, documentos reveladores de sofrimentos experimentados em tempos idos, encontramos uma carta, que passamos a copiar textualmente:

«Senhor: Hoje sabado 7 de Julho, depois do meyo dia me chegou carta de Felippe Rolim, de 2 do mesmo na qual me diz o seguinte: «Snor meu soube do Castellam que em 27 do passado fora o Castelhana em nome do seu Rey lhe tomou a espada ao Snor Infante, e Logo lhe tirarão os criados, e os puserão em partes sepa-

tas falsas que mostrou del Rey e se Vossa Mercê tem a carta que elle me queria mandar ou mais alguma cousa da Letra daquele traydor, guarde tudo muy bem e Vossa Mercê não escreva mais em forma alguma até expressa ordem que he notavel o perigo e será muy factível que não possa eu mais escrever, e Deus nos valha e acuda. Avise a el Rey e a Pero Vieira da Sylva e ao Conde Almirante escreve em forma que ainda que se vejam as Cifras não se saiba para quem são as Cartas. HAEC ILLE.» Tenho avisado de Paris e Munster como se ordena, e não posso ser mais largo pella brevidade do tempo. Hoje despachey um proprio a

seu dominio à Italia. O alferes mencionado na carta chamava-se D. Miguel do Pujales, official cruel e grosseiro, homem de confiança do governo de Castela. Era Grã-Chanceler de Milão o fidalgo castelhano D. Antonio Briqueno Roncillo, conde de Rivera, suprema autoridade no dominio espanhol da Italia. Em Munster, pequena povoação do centro da Europa, celebrava as suas sessões o Congresso da Paz, que estudava as condições do restabelecimento da tranquillidade na Europa, e que finalizou com o tratado de Westphalia, que pôs termo à guerra dos sete annos. Por Antonio Moniz é designado o doutor em leis Antonio Moniz de Carvalho, secretário da Embaixada de Portugal em Paris e, na data da carta, encarregado de negócios na ausência do embaixador, que era D. Vasco da Gama, conde de Vidigueira (o conde almirante da carta), mais tarde feito marquês de Niza. A rainha aos pés da qual se devia rojar Antonio Moniz era Ana de Austria, regente de França na menoridade do rei Luis XIV, tendo por valido e primeiro ministro o célebre cardeal Mazarini, de quem se diz fôra amante e, depois, com elle morganaticamente casada. Francisco de Andrade Leitão e Luis Pereira de Castro fôram delegados de Portugal ao Congresso de Munster. O castelhano traidor, denunciado na carta, era Francisco Valdez de la Fuente, enviado à Italia pelo governo de Madrid, com a missão de espiar Francisco Taquett e contraminar os esforços deste para libertar o infante D. Duarte. Pero Vieira da Silva foi primeiro ministro do rei D. João IV, na successão deixada por D. Francisco de Lucena, degolado por suspeitas de conspirar a favor de Espanha, suspeitas que, aliás, são presentemente consideradas pelos historiadores pouco fundadas: Pero Vieira da Silva deixou o lugar de secretário de Estado quando foi do golpe de Estado de D. Afonso VI e, seguindo a carreira eclesiástica, morreu bispo de Leiria. Monsenhor de Gremonville designou o conde de Gremonville, embaixador da França em Milão; quanto ao conde de Brienne esclarecemos que era o conde Lomenie de Brienne, fidalgo muito ligado ao cardeal Mazarini, desempenhando as funções de secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros; este estadista foi um dos homens mais cultos da sua época e deixou fama de ser árbitro em questões de elegância e espiritualidade.

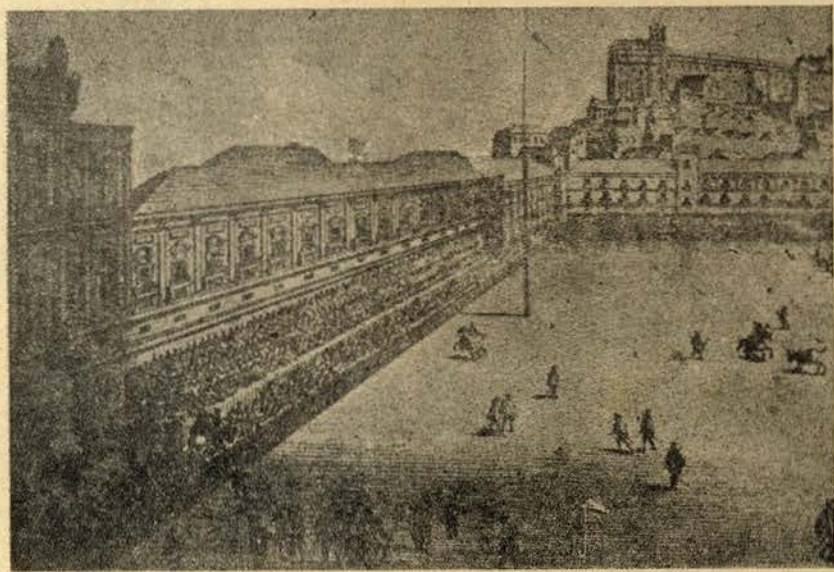
Para concluir este pequeno capítulo diremos ainda que as expressões HAEC ILLE e ET TA occultam em cifra o sentido verdadeiro, impetravel para nós; Felippe Rolim parece-nos ser também um pseudónimo, não tendo nós conseguido identificar o sujeito, quem quer que elle fosse.

Resta fazer a história do martírio do Infante D. Duarte, desventurado moço, bem digno de melhor sorte que a de ter sido a vítima inocente de uma perseguição infame, vida imolada pelo despotismo castelhano, carne vendida por um soberano avaro e covarde.

NASCIDO EM BERÇO DE OURO, GRANDE SENHOR PELO SANGUE E PELA RIQUEZA

Nos meados do século XVII o Ducado de Bragança, com os paços em Vila Viçosa, resplandecia de opulência, de poderio e de prestigio. Os duques de Bragança eram soberanos

(Conclui na pag. 15)



A meio do século XVII realizavam-se, no Terreiro do Paço, corridas de touros, assistindo a côrte das janelas do Palácio Real e o povo de palanques improvisados

radas, e entregarão o Snr Infante a hum Alferes para que lhe desse de comer, e o servisse sem se permittir que criado seu o visse ou servisse e d'esta maneira tiveram o Snr Infante até trinta por todo o dia, e lhe tornarão a deixar os criados, mas elle não pode sahyr mais da Camara em que está, e em dito tempo foy duas vezes o Gran Chanceller com dous Senadores e hum secretario a fallar com o Snr Infante estando com elle muitas horas, dizem fazendo-lhe o processo sendo tudo ordem de Castella: e do Snr Infante dizem que está muy atribulado e confuso do que se faz, e o certo he que el-Rey de Castella lhe quer tirar a vida por prevenir a negociação de Munster. Vossa Mercê não durma e avise logo a Ant.º Moniz se vá logo bottar aos pés da Raynha, e a Frc.º d'Andrade Leytão e a Luis Pereira de Castro avise de quanto passa, sem perder tempo, e o mesmo faça a Sua Magestade e Vossa Mercê segure sua pessoa sem sahyr de casa porque a ordem del Rey de Castella he que se procure entrar-lhe a casa e tomar-lhe os papeis por donde deve segurar-se. Sayba Vossa Mercê que aquelle Castelhana que ahy esteve era um traydor e tem revolto o mundo com trayções e car-

Paris sobre estes negocios e fiz com que Monsenhor de Cremonville escrevesse á Raynha e ao Cardeal Mazarini e ao Conde de Brienne, mostrando-lhe o seu estado miseravel e grande aperto em que se acha, que tudo hade ser o remedio. Ds o faça. Nosso Senhor guarde a Real pessoa de Vossa Magestade com toda a mais Casa Real. ET TA. Veneza 7 de Junho de 1646. De Vossa Magestade fidelissimo e mais leal vassallo (a) FRANCISCO TAQUETT.»

Para quem era esta carta? A que tremendo mysterio se refere? Quem era Francisco Taquett? Vamos explicar-lhes tudo.

Francisco Taquett, o signatário da carta, é um nome suposto. Nêsse pseudónimo se oculta o frade dominicano Fernando de la Hone, flamengo jesuíta, agente em Italia do rei de Portugal D. João IV, sendo esse soberano o destinatário da missiva. O Infante a que se refere o grito apavorado de Frei Fernando de la Hone (Francisco Taquett) era o irmão de D. João IV, príncipe D. Duarte de Bragança. Castellam designa a Torre de Castellam, onde o Infante D. Duarte fôra encarcerado, em Milão, à ordem do rei Felipe IV, de Espanha, que, na época, estendia o

INTIMIDADES DE GUIMARÃES

Um homem de há mil anos e uma mulher moderna — Pais que negociam a honra das filhas

— Um caso de loucura — Quatro ruínas com a mesma causa — O cinema e a vida

INTIMIDADES de Guimarães é bem o título que se adapta perfeitamente, que se amolda com justeza a estes dois casos psico-patológicos de que me vou ocupar nesta crónica-síntese, nesta reportagem ligeira, rápida, de intranscendente banalidade.

O tema primacial é o amor — não esse amor elevado, de suculento recheio espiritual, com que os romancistas gastam cascatas de tinta e catedrais de talento para deleite e inveja das meninas históricas de Campo de Ourique, as várias Cihcas e Irenes que, do bairro da Estrêla, fazem seu campo de romântica actividade sonhadora...

! Não! Os casos de amor que são motivo directo da amenidade desta prosa pertencem tão sómente ao género de amor impuro, profundamente animal e indecorosamente material, o qual, como um perfeito nível de funcionamento cronométrico, coloca a humanidade que o pratica no mesmo plano da espécie zoológica irracional e bruta.

A moralidade sai, por vezes, mal ferida do repugnante assunto; mas como respeitáveis tratadistas convencionaram que a moral usufrui uma certa plasticidade relativa aos sentimentos de cada um, o leitor ou leitora pode dar, quando chegar ao fim desta leitura, um banho radical ao espírito, lendo qualquer pedaço da Bíblia Sagrada — pois com isso não se sente ofendida a minha humilde pena...

UM FÁUNO DE 55 ANOS

A acção deste episódio é confusa, anacrónica... tanto podendo passar-se na actualidade como nos tempos de esplendor de Pompeia — a cidade soterrada pela cólera dos Deuses enfurecidos.

Suponhamos, no entanto, que se passa na actualidade.

Quasi ao cabo da Rua Fernando Afonso, próximo do Tournal, na cidade de Guimarães, num rés-do-chão, que a única janela e porta envidraçadas deixam devassar pelo transeunte que passa, existe um pequeno escritório, que pode muito bem ser um cartório... Ao fundo da sala, face a face com a rua, está uma secretária atafalhada de papeis, de montes de papel de importância, por detrás da qual se vislumbra uma figura humana, que compulsivamente lê livros e documentos, deitando volta e meia uns olhinhos gulosos para a rua, precisamente quando ouve o taconear saltitante de passos femininos. Nesses momentos levanta-se e vem até à porta observar com ares de entendido e lambéduras de beijos a gentileza de esbeltas figuras...

É doutor este indivíduo e chama-se... «O porco em pé». E realmente a alcunha tem uma certa razão de ser, se atendermos à sua conformação física que, forçadamente, nos faz pensar logo num suíno. Afigure-se o leitor: éle é baixo, anafado, não se se à força de bolota do Alentejo, com o abalçado rosto, onde há um petulante e empomado bigode à americana, coroadado por monumental calva, luzidia e rubricada, talvez por testemunhar a inestética desleixação dum histórico colarinho de bicos, que lhe dá caracter antiquado, mas respeitável, num aspecto de móvel do século XVII.

Deve orçar pelos 55 anos, vivendo, porém, na ilusão de não que ultrapassou ainda a casa dos 30, tal é a sua ânsia de aventuras galantes.

É um autêntico monstro de perversidade, este velho libidinoso e nojento!

Alguém, no «Café Oriental», me segredou a sua repelente crónica, de corrompido satirismo e encharcada de crimes previstos pelos códigos — crónica de que depois obtive plena confirmação, bebendo informações doutras fontes.

Como é imensamente rico socorre-se do seu ouro maldito para satisfazer os seus instintos de brutamontes que a nada considera nem atende digno de respeito.

As suas vítimas são tôdas recrutadas no povo, na casta social mais sacrificada e, por isso mesmo, mais susceptível de corrupção... São sempre rapariguinhas, tenras, novas, adolescentes — rosas ainda em botão, cujo viço o malvado colhe sem se ferir nos espinhos.

O mais grave de tudo isto é que há uma meia dúzia de famílias vimaranenses — felizmente que o número é reduzido — que realizaram contratos em forma da venda da honra das filhas ao libidinoso sultão.

Causou estranheza em Guimarães o facto da família... que é de gente pobre, viver em relativo conforto e suspeita abastança, sem que qualquer dos seus componentes trabalhasse ou tivesse bens donde lhe viessem rendimentos.

Investigou-se curiosamente, dissecou-se o viver misterioso dessa gente no mármore inconveniente da curiosidade pública, e chegou-se a esta conclusão: o chefe do lar havia vendido a honra da única filha ao «porco em pé», que, agora, consumado o sacrifício, procura empurrar a vítima, juntamente com um dote, para o matrimónio com um caixeiro pouco escrupuloso.

Um outro indivíduo chamado... mercadejou igualmente com o corpo de duas das suas quatro filhas: Alda e Ema... Esta última, não resistindo à infame acção do pai, endoideceu em consequência da sua desonra, estando presentemente internada no Hospício Conde Ferreira, no Porto. E assegura-se que está o «negócio» fechado para a entrega ao repelente fáuno das duas filhas restantes: Mary Lita e Mary Clara, as quais, por serem ainda demasiado jovens, aguardam a oportunidade da imolação...

Mas há mais casos do mesmo quilate! «O porco em pé», quando vê chegar ao seu serrallo bem fornecido uma nova vítima, rejubila, esfrega as mãos de satisfeito, e queda-se depois absorto, embevecido na contemplação daquelas carnes frescas que éle vai empenhar com a sua baba de depravação...

Como se vê, a civilização avança!

A VINGANÇA DUMA CORTEZÁ...

Este outro rádio pertence incontestavelmente à nossa época, está bem engastado no nosso tempo, neste século cinematográfico, movimentado.

A personagem agora é feminina. Também bastante popular no meio boémio vimaranense, onde, há já alguns anos, exerce o sacerdócio do amor profano e mercantil...

Para os nossos pobres

O sr. C. J. Silva Lopes, de Mirandela, enviou-nos a quantia de 25\$00 para o *Reporter X* entregar, para Páscoa, a qualquer pobre nosso protegido. Em nome do contemplado agradecemos.

Terá 30 anos, talvez mais, ou talvez menos — que numa mulher «coquette» a idade é sempre difícil de precisar...

Alta, elegante, flexuosa, tem certo ar gingão a acanalhar-lhe os gestos; e dos olhos profundos, carregados de negruras atraentes, abismais, entorna-se-lhe uma expressão sedutora, diabólicamente tentadora.

Já foi senhora honesta, e casada, esta vestal do amor...

Reside no segundo andar duma rua mal iluminada e estreita — uma rua que de dia é deserta e à noite se anima com vagas silhuetas de pessoas conhecidas na cidade, moços estouvados que se esgueiram por portas escuras e senhores graves a afastarem-se apressados, no receio de por ali serem descobertos... É, em suma, uma artéria de sombras, como há em tôdas as cidades da província, sempre com as mesmas características e com semelhante população, furtiva e fortuita...

Pois a simpática, um dia, frente ao espelho notou que podia dar aos olhares determinado requebro irresistível... Uma fita, que viu correr no cinema da terra, ensinou-a a servir-se da sua beleza como uma arma poderosa para escravizar os homens.

O passado só lhe registava amarguras e humilhações... O egoísmo dos homens deitara-a para aquele caminho de dôres morais e abjecções físicas.

Pois bem! — pensou — seria má, de futuro, muito má...

Era a vingança do seu espírito revoltado, saturado de ódios incontidos contra a sociedade cruel. O homem que a perderam, seriam agora perdidos por ela...

E Guimarães teve a sua mulher-fatal, conheceu a funesta influência daquela Bertini provinciana e vingativa.

Deu-se então a arremetimento apaixonado, a cultivar desgraças, a coleccionar enlouquecidos amantes, deixando-se amar como uma rainha e como rainha fazendo-se valer.

O plano concebido no seu cérebro muito feminino deu os resultados desejados. Era vêr os homens rendidos de paixão a seus pés, implorando amor.

Primeiro, foi o industrial... Saciou-se de excessos para, no fim, morrer miseravelmente, deixando aos herdeiros uma reduzida soma que eram restos de avultada fortuna gasta em proveito da sua deidade.

Depois, seguiu-se o comerciante... que lá anda por ardentes plagas africanas a tentar recompor a sua antiga fortuna, igualmente esbanjada pela terrível voracidade da insaciável mulher.

Em Buenos Aires, trabalha também afinadamente, na reconstrução da sua vida esfarapada por loucas ilusões que lhe viveram no cérebro e de que o coração lhe acusa ainda uns restos de sãrdade inquietante, o comerciante... falido por amor daquela mulher fatal.

Na própria cidade de Guimarães vive ainda um outro apaixonado dela, desesperado no abandono a que ela o votou após a ruína Chama-se... e é proprietário duma garage, que atravessa uma grave crise financeira, bastante complicada...

E não pára na sua vingança a funesta escamoteadora de fortunas, a maldosa malabarista de sentimentos humanos, que aprendeu nas fitas a ser uma mulher do seu tempo, uma terrível «vamp» da vida...

ARMANDO FARIA

Os "ardinas" ... por dentro e através do mundo

(Continuação da pag. 11)

O «ardina» parisiense usa da viveza característica da raça, para aumentar o seu comércio. Por exemplo. Como se sabe, as horas de saída dos jornais coincidem com as das entradas ou saídas do trabalho, do almoço ou do jantar, e por isso mesmo as bichas nos *guichets* do *Metro* são intermináveis. Perdem-se 10, 15, 20 minutos para se comprar bilhete. Os vendedores de gazetas fixos nas estações do *Metro* compram os *tickets* em grande quantidade e estacionam à entrada das portas. Os apressados podem comprar-lhes os bilhetes, sem aumento de preço, mas a condição latente dêsse favor é comprar-lhes também um jornal. E dessa forma vendem 10, 20, 30 vezes mais a sua mercadoria...

Tago Zeitung... Tempo... Berlim! Os jornais alemães da manhã saem às 11 horas. E' esta, pelo menos, a edição mais procurada. A esta hora estacam às esquinas das principais ruas de todos os bairros da capital alemã grandes *camions*, logo cercados pelos vendedores. Mas os alemães são práticos, metódicos, calmos. Não correm. Vestem bem... Alguns usam uniforme. Pegam num exemplar da gazeta que vendem e fazem com ele uma espécie de chapéu, atado com um cordel à cabeça, de forma que, sobre a testa, se leia, bem claro, o cabeçalho. Os vendedores alemães não têm anedotas! Seria anti-prussiano! São uns comerciantes como quaisquer outros...

Dos vendedores dos Estados Unidos conheço apenas uma história — a história de Mark Brenette, fundador da *Chicago Tribune* e, quando morreu, proprietário dos 112 maiores diários dos Estados Unidos. Brenette começou como vendedor de jornais. Aos 10 anos entrou como «ardina» da «Chicago Times», que começara então e que tinha que lutar contra um adversário poderoso, «The Star». «The Star» tirava 2 milhões e «Chicago Times» não chegava a 100.000. O garoto apaixonou-se pela luta dos 2 diários e acabou por chamar a atenção do seu director. Este fôra avisado de que na área de Brenette, «Chicago Times» multiplicava a diário os compradores enquanto que «The Star» os perdia. «E' muito simples — explicou Brenette. — Eu ando com um pausinho terminado com um gancho, da minha invenção. Quando chego à porta dos leitores de «The Star», retiro, graças ao meu pau, o exemplar que lá deixaram, e ponho a substituir a nossa gazeta. O freguês que é assinante do outro jornal vendo que não o recebe e habituando-se à leitura do nosso acaba por desistir de «The Star» e por assinar o nosso». Como prêmio do seu *truc* o director empregou-o nos escritórios do diário onde ele trepou até chefe de redacção, lugar que abandonou para fundar «Chicago Tribune». Eis uma lição para os nossos «ardinas»: o maior e o mais rico jornalista da America — começou, como eles, a vender jornais...

Os mais curiosos de todos, graças à sua organização, aos seus processos e à vida que levam, são os de Londres. O vendedor de jornais da grande capital não é um garoto, um pelintra: é um comerciante que mantém estreitas relações com as direcções das gazetas. O londrino não assina jornais: tem o seu vendedor. Cada vendedor tem a sua clientela. E as empresas, que sabem disso, entendem-se com ele para todos os detalhes do seu negócio. Por exemplo: raro é o jornal de Londres que não ofereça permanentes vantagens aos seus leitores. A concorrência é grande, e chega-se a uma luta feroz. *Daily Mail* oferece apêndices de seguros; o *Daily Mirror* distribui canetas; outro rifa automóveis, outros, ainda, uma viagem ou um palácio. Quem é o intermediário entre os jornais e o leitor? O «ardina». Este é que conhece os fregueses de todos os dias. Se o freguês lhe compra o mesmo jornal 10, 20, 30 dias segui-

dos, conforme o estabelecido — ao final do prazo dá-lhe uma senha com o número para a lotaria — senhas essas que a empresa lhe fornece em quantidade, absolutamente confiada na sua honradez e inteligência comerciais.

Os «ardinas» lisboetas não serão tão elegantes como os alemães nem tão ricos como os ingleses — mas são dos mais trabalhadores e inteligentes de todos. Garotos de 5 e 6 anos que se esforçam e lutam pela vida como homens feitos! O que eles correm por essas ruas, as distâncias que andam numa vertigem, as escadas que trepam! E que percentagem de tuberculosos! Mas os que têm arcabouço para essa batalha — resistem, robustecem e triunfam; os outros — ficam pelo caminho e são muitas dezenas todos os anos!

Assistir, aos sábados, à venda do *Reporter X* é um espectáculo curioso e por vezes comovedor. Uma semana surgiu um «ardina» novo. Vasculhou os bolsos: tinha o suficiente para 5 exemplares. Pouco depois, reapareceu a pedir-nos 10, e depois 15, 20... A última vez que entrou na casa da venda — perto das 8 horas da noite — comprou 200, e já levava 300... Outro exemplo curioso é o de um minúsculo «ardina», tão pequeno, que mal se via... Seis anos, se tanto, mas seis anos enfezados. Uma vozinha de ave que não sabe cantar... Muito tímido... estendeu-nos a mãozinha com 3 tostões. Era tudo quanto tinha e pedia para que lhe fiassemos o resto para um exemplar do *Reporter X*... O chefe da venda sorriu-se e em vez de um abriu-lhe crédito... de cinco. «Nunca mais o veem, profetizou um novato nessas coisas.» E errou.

E' gente honrada, os «ardinas». Quando, entre eles, surge um novato suspeito, vigiam-no e expulsam-no, à menor falcatrua. Honrados, vivos e inteligentes. Quantos ditos de espírito! Há anos, estávamos, o diplomata illustre que é Veiga Simões, o grande caricaturista Jorge Barradas e eu, abancados a uma mesa do terraço do «Martinho», quando o «Martinho» tinha terraço. Veiga Simões mostrava-nos uma série de «fotos» de uma *Kodak* de amator; e por detrás de nós, um «ardina», de mãos nos bolsos, sobraçando jornais, apregoando-os, seguira com curiosidade a nossa conversa e ia vendo as «fotos» que passavam pelas nossas mãos, e súbito, entre vários retratos surgiu o do próprio Veiga Simões, enroupado com a farda diplomática, debruada a oiro, o espadim, e o chapéu tracejado de arminho. O «ardina» arregala os olhos negros, compara, pasmado, a «foto» do retratado, e afastando-se, crispa o rosto e exclama, sinceramente enojado:

— Ai que o gajo é ministro!

Outro detalhe magnífico da intuição agudíssima dos «ardinas» é o da própria compra dos jornais. Alguns nem lêr sabem. Chegam à casa da venda. Pedem um exemplar, dos primeiros que saem da maquina, abrem-no (muitas vezes de cabeçalho para baixo...) e envolvendo-o num só olhar, ordenam, sem hesitação: «Hoje quero cem exemplares mais...» ou então: «Hoje abata-me quarenta exemplares». E é infalível: Se eles abatem — é porque o jornal tem menos interesse e vende-se menos; se eles aumentam... é porque vem «notícia» sensacional e vai haver boa venda... Como o adivinham? Como o sentem — se nem sequer sabem ler — aqueles que não o sabem? Mistério — ou antes: espírito...

Os «ardinas» lisboetas possuem já a sua associação de classe, que é das mais inteligentemente dirigidas e das mais respeitadas no meio operário. O «Reporter X», dedicando-lhes hoje este artigo, presta-lhes não só uma homenagem justa como lhes agradece o muito que ao seu entusiasmo e ao seu esforço deve o nosso triunfo invulgar.

Profecias fatídicas de um árabe

(Continuação da pag. 9)

soa — vêm a recair em 1990, ou seja precisamente na altura do futuro terramoto de Lisboa. E' natural, portanto, que a erupção de um vulcão em Sintra seja produto da mesma revolução cósmica que dará origem ao terramoto.

— Mas outras previsões, embora de menor vulto, fez Abd-el-Ram sobre Portugal — prosseguiu o estrangeiro. — Algu mas delas são bem curiosas. Uma prevê para dentro de quarenta anos a derrocada do túnel do Rossio, outra a queda da estátua de D. Pedro IV, outra ainda, o afundamento, antes do próximo terramoto, de uma rua da Baixa que assenta sobre a velha cidade romana; outra prevê, para época não muito distante, uma furiosa invasão do Atlântico por alturas da Povoia do Varzim, e ainda outra, que me lembre, é a queda do elevador de Santa Justa.

AS GRANDES ALTERAÇÕES CÓSMICAS NO GLOBO TERRESTRE

— Agora — disse o alemão — para ficarem com uma melhor noção da enorme sciência de previsão dêsse árabe estudando, vou evocar alguns dos grandes cataclismos mundiais que ele prevê para uma época mais longínqua que se perde para lá do horizonte nublado de todas as profecias: «Um novo dilúvio de fôgo, e não de água, cobrirá a terra de lés a lés. O Mediterrâneo transformar-se-á num lago fechado rodeado de terra por todos os lados. As ilhas do Atlântico que la-deiam parte da Europa e da Africa submergirão como por encanto; a velha Albion irá repousar no fundo das águas; toda a parte leste do continente africano desaparecerá, formando-se um novo continente com uma larga faixa de terra constituída pelo norte de Africa ligado ao sul de Portugal, continente que se prolongará através do Oceano Atlântico, ao centro do qual ressuscitará uma grande parte da Atlantida. No Oriente, as ilhas do Japão serão devoradas pelas águas, o Mar Vermelho deixará de existir e, em seu lugar, aparecerá um grande deserto que ligará a Arabia e a India à costa Oriental da Africa.

Tive nessa noite um dos pesadelos mais allitivos da minha vida. Sonhei que sob a minha casa um vulcão estalara, arremessando-me a alturas incomensuráveis de onde tornei a cair para acordar e mal-dizer as profecias de Abd-el-Ram, inspirador de Abd-el-Krim e amigo de Ernest Hermann que Fernando Pessoa me apresentara nessa tarde melancólica de inverno.

R. X.

MARIO DOMINGUES

O MARTÍRIO DE UM INFANTE A MISÉRIA

(Continuação da pag. 12)

nas suas terras e tratavam, pouco menos que de igual para igual, os reis de Castela. O duque, D. Teodorio, estivera em Alcacer-Kebir, o sofrera o cativo mourisco e fôra resgatado por cem mil cruzados. Morreu e deixou três filhos: D. João, o primogénito, mais tarde fundador da dinastia de Bragança, por virtude da restauração de 1640, que lhe substituiu a coroa ducal pela coroa real; D. Alexandre, que faleceu em 1638, na flor da idade; e, finalmente, D. Duarte, que foi educado no serviço das armas, como, em regra, os filhos segundos da velha aristocracia e se revelou, desde muito cedo, como um espírito impregnado de rebeldia, apaixonado até à cultura da poesia e da aventura. O duque D. João casou, em segundas núpcias, com D. Luísa de Gusmão, dama espanhola de alta gerarquia, mais tarde rainha de Portugal, bem amada dos seus vassallos, apesar da origem castelhana. Ora aconteceu que o consorcio de D. João não foi do agrado dos dois irmãos, que abandonaram, a breve trecho, os paços de Vila Viçosa. Não satisfeito com isso, D. Duarte resolveu ir correr aventuras na Europa, que então ardia em guerra, e, depois de passar por Itália, parou na Alemanha, alistando-se no exército do imperador da Áustria, Frederico II. Até aos campos de batalha foi ter a notícia do levante popular de Évora, contra os castelhanos, em 1638. Foi talvez por isso que voltou a Portugal, indo bater aos portões do palácio de Vila Viçosa, quando ninguém lá o esperava. Mas a revolta popular fracassara. D. Duarte, instado por alguns nobres para se pôr à frente de outro movimento, recusou, talvez por não ter fé numa fidalguia que abandonara à sua sorte ingrata os plebeus revoltosos de Évora. Certo é que se demorou em Portugal menos de dois meses, embarcando novamente para a Alemanha. Em 1639, era coronel do regimento de cavalaria da Banda Negra e combatia bravamente sob os muros de Chemenitz. Em 1640 estava acampado com o seu regimento em Leyphen, a duas léguas de Ulm, e preparava-se para ir em socorro do imperador Frederico III, cercado em Ratisbona. Chegou a partir de Leyphen pelo Danúbio. Ratisbona estava já à vista. E começa aqui o calvário da sua vida desventurada.

No 1.º de Dezembro de 1640 a revolução dos nobres estalava em Lisboa e aclamava rei de Portugal, sob o nome de D. João IV, o duque de Bragança, D. João, irmão mais velho de D. Duarte, que, assim, passou a ser Infante de Portugal. O Infante tudo ignorava porque de Lisboa não houve pressa em o prevenir da nova ordem de coisas.

A instâncias do governo castelhano, D. Duarte é prêsso e remetido, com forte escolta e ordens severas, para Milão, sendo encerrado na Torre de Castellam. Em Julho de 1641 o governo de Lisboa envia Fr. Fernando de la Hone, (Francisco Taquett) em socorro do infante, bem provido de dinheiro e empenhos. Acordou tarde o governo de D. João IV. A intriga espanhola teve tempo para tranquilamente desenvolver. O rei da Áustria, Frederico III, entregou o Infante aos espanhóis a troco de 40.000 *thalers*. Infâmia das infâmias!

A AGONIA DO INFANTE

O governo castelhano cevou o ódio que criara à casa de Bragança na vítima inocente que a infâmia lhe atirara às faces. O Infante D. Duarte chegou a Milão em 1642 e o seu calvário começou a desenrolar-se. A princípio manteve-se certo decôro perante o infortúnio do príncipe português. Pouco a pouco foram-lhe cerceando as regalias, apertando, até aos últimos limites, os rigores do cárcere. Tiraram-lhe os criados, que eram numerosos, a baixela de prata com que se servia, a própria espada que ele tanto honrara nos campos de batalha da Europa. A desventura do príncipe moveu

tôda a Europa. Publicaram-se manifestos contra Castela, glorificando D. Duarte e verberando o seu martírio. As chancelarias trocaram notas, fizeram-se pressões sobre Madrid. Francisco Taquett, oculto em Veneza, multiplicava esforços sobre esforços para arrancar D. Duarte aos seus algozes. Tudo em vão! No organismo vibrátil e no espírito sentimental de D. Duarte começaram a actuar os germes delectérios da descrença, da desventura, do desânimo. E' possível mesmo que o veneno não fosse estranho aos males físicos que o torturavam. A meio do ano de 1649 a moléstia apoderou-se do Infante. A moléstia ou o arsénico.

Em 29 de Outubro de 1649, o sofrimento do desgraçado príncipe attingia o máximo de acuidade. A febre era contínua, a sede torturante, os suores frios não o deixavam, a pele escaldava, o delírio agitava-o; queixava-se de dores horribéis na cabeça e de que um ferro em brasa lhe perfurava os intestinos. No dia 30 vomitou abundantemente, sendo as matérias negras e fétidas. Ficou um pouco aliviado. A breve trecho, porém, os sintomas voltaram mais fortes que nunca. Em 3 de Setembro de 1649, o Infante D. Duarte exalava o último suspiro, seriam 2 horas da madrugada, mas supomos que hoje ninguém saberá onde ele pára. Entretanto, D. Duarte manifestava, em testamento, a vontade de que o seu cadáver fosse consumido por terra de Portugal. D. João IV bem poderia, uma vez consolidado no trôno, ter satisfeito a vontade do irmão. Os seus sucessores também o deveriam ter feito. Ma a história diz, e não mente, que os Braganças foram sempre ingratos...

ALGUMAS NOTAS FINAIS

D. Francisco de Lucena, secretário de Estado de D. João IV, foi inculcado do crime de alta traição e, subindo ao cadafalso, foi degolado. Há quem acredite que a causa verdadeira deste outro crime político foi a vingança que D. João IV tomou do seu ex-válido porque este demorara em Lisboa Francisco Taquett, fazendo crer ao rei que ele já partira em socorro do Infante. D. Francisco de Lucena e D. Duarte tinham sido amigos, mas parece que a retirada de D. Duarte do reino para a Alemanha não foi estranha ao arrefecimento dessas afeições.

Francisco Taquett, ou Frei Fernando de la Hone, foi dedicado amigo do Rei e do Infante, correndo muitas vezes risco de vida e não deixando a Itália senão depois do corpo do Infante ser dado à sepultura. D. João IV fê-lo bispo de Tanger e Ceuta.

Um biógrafo do Infante escreveu que ele era de alta estatura, bem proporcionado, branco e rosado, cabelo loiro, olhos azuis, rasgados e alegres. A sua origem goda era, portanto, manifesta.

FREI GERUNDIO, *historista*

COISAS QUE TODOS

DEVEM SABER:

A CASA QUINTÃO vende os afamados Tapetes de Beiriz, faianças artísticas e mobiliário género antigo

NÃO é da miséria moral que se trata nem tão pouco da miséria de carácter.

Não. A que vamos focar é a dos miseráveis de espírito.

Que um individuo se apresente miserável por não têr dinheiro, está certo. Agora que o seja só pelo prazer de vêr os outros reduzidos à miséria não o podemos admitir, e é contra êsses que nos revoltamos.

Encontrámos há dias um cavalheiro (e como êste há muitos) possuidor duma boa fortuna e duma certa educação, que trajava cebentemente.

Supusemos a princípio que teria sido vítima duma quebra fraudulenta ou que a sua fortuna tivesse ficado abalada com a quebra de algum Banco, mas logo ás primeiras palavras que lhe ouvimos nos convencemos do contrário.

Fizemos-lhe notar que o fato que trazia era menos próprio duma pessoa da sua categoria e não foi sem espanto que lhe ouvimos retorquir:

Preciso de facto de outro fato. Se o não trago não é por falta de dinheiro, pois que as hipotécas, que me dão um juro de 20 e 30%₀₀, me dão bem para andar num bom automóvel, mas (aquí está o nosso espanto e a nossa admiração por tanto cinismo) se tôdos os que têm dinheiro andassem como eu, o comércio e a indústria teriam menos movimento e então haveria mais hipotécas onde eu pudesse colocar o meu dinheiro.

Não se lembra êste miserável que há-de ser o aumento da miséria dos já hoje miseráveis que há-de provocar uma nova reacção social.

Hoje, por exemplo, as fazendas já baixaram tanto de preço que não é possível baixarmos mais. O cavalheiro em questão bem podia, sem grande dispêndio, comprar outro fato que lhe desse um aspecto mais decente e mais compatível com uma pessoa da sua posição.

Fizemos-lhe notar êste facto, o que para êle não constituiu surpresa, pois nos disse que bem sabia que assim estava succedendo, e que algumas casas apresentavam os seus artigos por preços muito razoáveis, sobresaído de entre elas os Armazens Azevedo, na Rua dos Fanqueiros 226-232, a casa que hoje mais se impõe à consideração do público por estar apresentando as mais lindas colecções de lanifícios para homens e senhoras, sêdas e algodões, além de nos apresentar a grande vantagem das suas oficinas e *ateliers* de alfaiate para homens e senhoras e uma secção de modista a cargo duma das mais bem conceituadas *premières*.

Os nossos muitos afazeres não nos permitiram trocar outras impressões e despedimo-nos com a impressão de que breve o encontraremos, mas já de fato novo.

Rua Ivens, 30 a 34 — Telef. 2 6064

O maior sucesso literário de 1931

Novela Policial

LEITURA EMOCIONANTE !

ASSUNTOS PALPITANTES !

DIRECTOR :

REINALDO FERREIRA

(REPORTER X)

Quinta-feira, 9 de Abril

NOVELA POLICIAL

N.º 11

OS 7 TÚMULOS

De RUY XIMENES

A NOVELA POLICIAL

16 páginas — Uma novela policial completa,
original, inédita — Capa a cores

Preço: UM ESCUDO

Dirijam já os seus pedidos de revenda e assinaturas para a Administração do «REPORTER X» e da «NOVELA POLICIAL».

TELEFONE || **ROSSIO, 3, 3.º** || Endereço
2-5442 || **LISBOA** || Telegráfico
REPORTERX